



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

Teresa da Conceição Carvalho e Silva

**A Igreja, reflexos de si mesma**  
**Contributo para a lecionação da Unidade Letiva 4 - A**  
**Igreja - para o 3ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico de**  
**Educação Moral e Religiosa Católica**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada  
sob orientação de:  
Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

**Braga**  
**2018**

*"A Igreja trabalha para que o mistério que habita cada pessoa se ponha em consonância com o mistério que habita a Igreja".*

*Charles-Marie Guillet*

*Em memória da minha mãe, que partiu para os braços do Pai no início desta minha caminhada;*

*Ao meu pai, pelas horas em que estive ausente;*

*Ao meu irmão, sobrinhas e cunhada;*

*A todos os meus amigos que durante estes anos sempre me acompanharam e nunca me deixaram ir abaixo.*

*Um agradecimento à Professora Doutora Isabel Varanda, orientadora científica; ao Dr<sup>o</sup> João Nogueira, Professor cooperante e a todos os Professores com quem tive a oportunidade de aprender durante estes anos.*

## SIGLÁRIO

**LG** – Exortação apostólica *Lumen Gentium*

**CCE** – *Catechismus Catholicae Ecclesiae*

**Ex** – Livro do Êxodo

**Gn** – Livro do Génesis

**Jer** – Livro do Profeta Jeremias

**Ez** – Livro do Profeta Ezequiel

**2 Cor** – 2ª carta aos Coríntios

**1Pe** – 1ª carta de Pedro

**Ef** – Carta aos Efésios

**ChL** – Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*

**AA** – Decreto *Apostolicam Actuositatem*

**AD** – Decreto *Ad Gentes*

**Mt** – Evangelho segundo S. Mateus.

**Is** – Livro do Profeta Isaías

**EG** – Exortação apostólica *Evangelium Gaudium*

**3Jo** – 3ª carta de João

**EN** – Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*

**DGC** – Diretório Geral da Catequese

**1 Cor** – 1ª carta aos Coríntios

**Rm** – Carta aos Romanos

**CT** – Exortação apostólica *Catechesi Tradendae*

**1 Jo** – 1ª carta de João

**AL** – Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*

**GS** – Constituição pastoral *Gaudium et Spes*

**SC** – Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*

## RESUMO

A Igreja é permanentemente desafiada para viver e proclamar o Evangelho. A história confirma esta responsabilidade.

O mandato de Jesus Cristo nunca se altera, mas urge discernir os sinais dos tempos. Há exigência de novos métodos e um novo ardor no processo de evangelização.

Neste sentido, a Igreja precisa refletir sobre si mesma, conhecer-se e encontrar a melhor forma de experimentar Cristo.

Este estudo tem como mote a Igreja e os reflexos de si mesma. Como está presente e é presente, com enfoque no ensino escolar da religião e na catequese.

A Sagrada Escritura, o Magistério da Igreja e o pastoralista Flavio Pajer destacam-se na bibliografia que nos ajudou a compreender como a Igreja se espelha a si mesma.

A finalizar este estudo, apresentamos a Prática de Ensino Supervisionada, a Planificação e Lecionação da Unidade Letiva “A Igreja”.

Palavras-Chave: Igreja; Ensino Religioso; Escola; Catequese.

## ABSTRACT

The Church is constantly challenged to live and proclaim the Gospel. History confirms this responsibility.

The mandate of Jesus Christ never changes, but it is urgent to discern the signs of the times. There is a demand for new methods and a new zeal in the process of evangelization.

In this sense, the Church needs to reflect on herself, to know herself, to find the best way to experience Christ.

This study has as motto the Church and the reflexes of itself. How it is present and the present, with emphasis on the school teaching of religion and catechesis.

The Sacred Scripture, the Magisterium of the Church and the pastoralist Flavio Pajer stand out in the bibliography that helped us understand how the Church mirrors itself.

At the end of this study we present the Supervised Teaching Practice, the Planning and Teaching Unit "The Church".

**Keywords:** Church; Religious Education; School, Catechism.

## ÍNDICE

SIGLÁRIO-----	3
RESUMO -----	4
ABSTRACT -----	5
INTRODUÇÃO-----	9
CAPÍTULO I – A PRESENÇA DA IGREJA -----	11
<b>1. Consciência de ser Igreja</b> -----	11
<i>1.1. Igreja povo de Deus</i> -----	11
1.1.1. No Antigo Testamento -----	12
1.1.2. No Novo Testamento -----	12
1.1.3. No Concílio Vaticano II-----	13
<i>1.2. Igreja ministerial</i> -----	14
<i>1.3. O ministério do anúncio</i> -----	17
<b>2. Um olhar sobre a transmissão da fé</b> -----	18
<i>2.1. Iniciação cristã</i> -----	19
<i>2.2. Uma proposta que alguns aceitam - catequese</i> -----	21
2.2.1. Inquietações-----	23
2.2.2. Desafios -----	25
<i>2.3. Uma proposta para todos – EMRC</i> -----	27
2.3.1. Inquietações-----	30
2.3.2. Desafios -----	31
<b>3. Expressão cultural da Igreja</b> -----	33
<b>4. Síntese</b> -----	35
CAPÍTULO II – COMO A IGREJA COMUNHÃO ENTENDE A RELAÇÃO ENTRE CATEQUESE E ENSINO ESCOLAR DA RELIGIÃO -----	37
<b>1. Perspetiva diacrónica do ensino escolar da religião em Portugal</b> -----	37
<i>1.1. Escola confessional e religião do Estado</i> -----	37
<i>1.2. Da Escola neutra ao ensino não confessional</i> -----	39
<b>2. Perspetiva diacrónica baseada na obra de Flávio Pajer</b> -----	40
<i>2.1. A descatequização - distinção entre catequese e o ensino religioso escolar</i> -----	41
<i>2.2. A escolarização</i> -----	45
<i>2.3. Diversidade religiosa</i> -----	48

2.4. <i>Tendências e perspectivas</i> -----	50
<b>3. Síntese</b> -----	51
CAPÍTULO III- PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “ A IGREJA” -----	52
<b>1. Contexto da Prática de Ensino Supervisionada</b> -----	52
1.1. <i>O 1º ciclo do ensino básico (1º CEB)</i> -----	52
1.2. <i>A criança do 1º CEB</i> -----	53
1.3. <i>Caraterização do agrupamento de escolas</i> -----	53
1.4. <i>Caraterização da turma</i> -----	54
<b>2. A Unidade Letiva “A Igreja”</b> -----	54
<b>3. Proposta de planificação e descrição da Unidade Letiva</b> -----	55
3.1. <i>Aula 1 – Apresentação. Introdução à Unidade Letiva “A Igreja”</i> -----	55
3.2. <i>Aula 2 – A Igreja, uma assembleia de crentes</i> -----	56
3.3. <i>Aula 3 – A comunidade dos crentes em Jesus Cristo. O símbolo do cristianismo</i> 57	
3.4. <i>Aula 4 – A vida do dia a dia dos cristãos</i> -----	59
3.5. <i>Aula 5 – Dons e tarefas dos cristãos</i> -----	61
3.6. <i>Aula 6 – Construção de um edifício igreja. Jogo avaliação sobre a Unidade Letiva</i> -----	62
<b>4. Avaliação da lecionação</b> -----	63
CONCLUSÃO-----	72
BIBLIOGRAFIA-----	74
ANEXOS-----	83

## INTRODUÇÃO

Ao olharmos à nossa volta, é fácil perceber a presença da Igreja. Ela continua a motivar curiosidade, conversa e notícia e, embora alguns se mantenham afastados, estão despertados para a sua ação.

Muitas questões surgem e com respostas mais ou menos claras. O abandono da prática religiosa, a indiferença dos jovens perante a Igreja, a visão da mesma como prestadora de serviços, a forma como os meios de comunicação social apresentam aspetos da vida da Igreja e o desconhecimento dos cristãos sobre a Igreja, são alguns exemplos.

Destas questões surge o ponto de partida para o desenvolvimento deste Relatório de Estágio sob o tema: A Igreja, reflexos de si mesma.

Achamos importante refletir como a Igreja se espelha a si mesma. A opção pelo âmbito do ensino escolar da religião e pela catequese deve-se ao interesse e experiência pessoal e profissional por estes conteúdos, a toda a problemática que lhe está subjacente, mormente com a confusão de conceitos e à importância que os mesmos têm no seio da Igreja.

A necessidade de um referencial teórico impõe-se. É importante fundamentar todas as constatações e a opção tomada ao longo deste Relatório parece-nos a mais adequada; o mesmo está ainda dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, abordamos a presença da Igreja. Fazemos uma incursão pela Sagrada Escritura e pelo Concílio Vaticano II para refletirmos o que significa a consciência de ser Igreja, mormente Igreja povo de Deus. Ficamos a conhecer os diversos ministérios e carismas em que todos os batizados podem servir a Igreja e de que forma se deve materializar o anúncio do Evangelho. Acerca da transmissão da fé, olhamos a iniciação cristã e analisamos duas propostas da Igreja, a Catequese e Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), e apresentamos as suas inquietações e os desafios colocados.

Completamos esta análise da presença da Igreja vendo como esta dá a conhecer o seu património e como é promotora de cultura.

No que concerne ao segundo capítulo, a nossa reflexão baseia-se no ensino escolar da religião e na sua relação com a catequese. Apresentamos o percurso do ensino religioso em Portugal, e com base na obra de Flavio Pajer, no livro *Escuela y Religión en Europa: Un camino de cincuenta años*; e numa perspetiva diacrónica expomos a visão da escola e da religião na Europa entre os anos 1960 e 2010.

O terceiro capítulo, mais centrado na componente letiva, não descarta o foco principal do estudo, uma vez que é composto pela caracterização do 1º ciclo do ensino básico bem como da criança que o frequenta, do agrupamento de escolas e da turma onde a Prática de Ensino

Supervisionada (PES) foi realizada. Contextualizamos a Unidade Letiva “A Igreja” do 3ºano de escolaridade do programa de EMRC e apresentamos uma proposta de planificação e descrição da mesma Unidade Letiva.

Em termos de metodologia bibliográfica, a estrutura do Relatório segue a norma Chicago 16A, e está redigido de acordo com a nova norma ortográfica da Língua Portuguesa.

## CAPÍTULO I – A PRESENÇA DA IGREJA

Do Concílio Vaticano II (1962-1965) ecoa a pergunta: Igreja que dizes de ti mesma?<sup>1</sup> Decorridos cinquenta e seis anos, continua a impor-se a mesma interpelação. Urge, portanto, nos nossos dias refletir de que forma a Igreja está e se faz presente nas sociedades hodiernas.

Igreja é uma realidade visível no quotidiano das pessoas, sobretudo nos países de tradição cristã. Contudo, e como é espectável, a Igreja é compreendida de forma diferente por crentes e não crentes.

Partindo de um olhar crente, neste primeiro capítulo pretendemos perceber o modo como a Igreja se faz presente, expor a consciência que temos desta realidade, a forma como transmite a fé, no nosso caso versando a vertente da Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) e a Catequese, e ainda a forma como se expressa culturalmente.

### 1. Consciência de ser Igreja

A Igreja na sua essência descreve-se pela pluralidade de imagens e expressões. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* não apresenta uma definição de Igreja, mas uma pluralidade de imagens (cf. LG 6,7), e o Catecismo da Igreja Católica refere o inesgotável mistério da Igreja por imagens, tendo como focos o povo de Deus e o Corpo de que Cristo é a cabeça (cf. CCE 753).

Assim, durante muitos séculos, a Igreja recorreu às imagens povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo para se dizer. Compreende-se também à luz duma história de salvação que Deus quis e quer concretizar na história da humanidade.

Deste modo, pretendemos neste primeiro ponto refletir na consciência de ser Igreja, focando a Igreja povo de Deus, a Igreja ministerial e por último o ministério do anúncio.

#### 1.1. Igreja povo de Deus

A Igreja, desde o seu início, identificou-se com a história que a precedia, assim, para compreender a Igreja povo de Deus, é necessário recorrer à experiência crente de Israel, ao próprio coração da fé israelita “Tomar-vos-ei para mim como povo e Eu serei para vós Deus” (Ex 6,7).

---

<sup>1</sup> Cf. Paulo VI, “Discurso na Inauguração da 2ª sessão 29.09.1963. Concílio Ecuménico Vaticano II,” in *Documentos Conciliares* (Braga: Apostado da Oração, 1987), 453-454.

### 1.1.1. No Antigo Testamento

Podemos afirmar que “A preparação remota da reunião do povo de Deus começa com a vocação de Abraão” (CCE 762) a quem Deus promete dar uma grande descendência “Farei de ti um grande povo” (Gn 12,2).

A Aliança individual com Abraão adquire uma forma coletiva no Sinai. Assim, ao falarmos de vocação e Aliança estamos a referir não apenas uma revelação, mas também um compromisso: “Da parte de Deus é a revelação de algo oculto que se vai realizando na medida em que o comunica”<sup>2</sup>.

Aliás, a consciência de ser povo de Deus fundamenta tanto a intervenção de Deus em favor do seu povo como o respetivo comportamento de Israel, na medida em que obedece ao Deus da Aliança. Esta Aliança foi fundamental na consciencialização da identidade do povo de Deus.

Não obstante essa consciência, o povo de Israel foi por várias vezes infiel à Aliança e os profetas, ao recordarem a Aliança, denunciam as infidelidades e alertam para aquelas que poderão ser as consequências da sua conduta. Os profetas Jeremias e Ezequiel anunciam já uma Nova Aliança que implica a transformação do coração do povo para que a afirmação “Eu sou o seu Deus e eles são o meu povo” seja possível de novo (cf. Jer 31,31-33; Ez 36,24-28).

### 1.1.2. No Novo Testamento

Com Jesus Cristo surge uma nova consciência de povo. Jesus Cristo dirige-se a todo o povo de Israel e convida-o à conversão. O próprio chamamento dos doze apóstolos pode considerar-se um convocar definitivo de Israel. Toda esta nova consciência de povo introduz algo desconhecido até então por Israel “a dinâmica do reino de Deus rompia todas as barreiras e exclusivismos, a lei devia ser interpretada desde a intenção originária de Deus na criação e não desde os condicionamentos introduzidos pelas tradições dos homens”<sup>3</sup>.

Jesus Cristo também assiste ao fracasso de Israel quando é rejeitado, mas entrega a Sua vida como sinal da Nova Aliança sem, contudo, excluir dela Israel.

As primeiras comunidades cristãs foram testemunhas da Páscoa de Jesus Cristo e herdeiras dos dons e missão de Israel. E, por consequência, do facto de ser povo de Deus, tal como nos é relatado no Novo Testamento: “Que compatibilidade é possível entre o templo de Deus e os ídolos? Porque nós somos o templo do Deus vivo, como o mesmo Deus disse:

---

<sup>2</sup> Eloy Bueno de la Fuente, *Eclesiología* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998), 32. Todas as traduções são da minha responsabilidade.

<sup>3</sup> Fuente, *Eclesiología*, 35.

Habitarei e andarei no meio deles, Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (2Cor 6,16), “a vós que outrora não éreis um povo, mas sois agora povo de Deus, vós que não tínheis alcançado misericórdia e agora alcançastes misericórdia” (1Pe 2,10) emerge a novidade do povo de Deus como Aliança definitiva. É reconhecida pelas primeiras comunidades a importância estrutural da noção de povo de Deus como categoria histórico-salvífica.

### 1.1.3. No Concílio Vaticano II

Durante muito tempo a face visível da Igreja teve a sua tónica nos aspetos hierárquicos e piramidais, “via-se a Igreja como uma instituição histórica auto-suficiente (*societas perfecta*), com as suas próprias leis, os seus próprios ritos e seus próprios chefes, ordenados num sistema rígido de dependência, abaixo do qual estava a multidão dos fiéis (*societas inaequalis, hierarchica*)”<sup>4</sup>.

Com a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, o símbolo de Igreja povo de Deus retomou a importância dos primórdios da Igreja, “No facto de retomar esta categoria antiga, viu-se a vontade de atenuar as interpretações demasiado jurídicas e institucionais da Igreja a partir da Contrarreforma”<sup>5</sup>.

A redescoberta da noção de povo de Deus representou uma mudança de paradigma, difícil de assimilar na época, e ainda hoje, para muitos crentes. A própria Constituição Dogmática *Lumen Gentium* representa como que uma “revolução copernicana”<sup>6</sup>. Na sua estrutura apresenta primeiro o conceito de povo de Deus e só depois o de Mistério da Igreja, o que nos indica que o povo de Deus não surge por iniciativa dos homens mas do plano de Deus Pai.

O Concílio Vaticano II, ao olhar a Igreja como povo de Deus, aponta-nos para o dom e vocação fundamentais da Igreja, valorizando assim o que é comum a todos os crentes, mesmo na sua diversidade de dons, tarefas e ministérios.

O chamamento pessoal de Deus inserido numa comunidade crente implica que cada um seja convocado a ser um sujeito ativo da sua fé, numa história que é única e irrepetível de vida. Assim, pode-se compreender que a visão da Igreja como povo de Deus tenha fomentado uma renovação eclesial na sequência do Concílio, mormente na revalorização do laicado ou mesmo no desenvolvimento das diversas formas de corresponsabilidade no seio eclesial.

---

<sup>4</sup> Bruno Forte, *La Iglesia Icono de la Trinidad* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1992), 39.

<sup>5</sup> Christian Duquoc, “*Creo en la Iglesia*”: *Precariedad institucional y Reino de Dios* (Santander: Editorial Sal Terrae, 2001), 180.

<sup>6</sup> “Página de Arquivo”, Ecclesia, acessado em 13 de maio de 2018, <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/dossier/ii-concilio-do-vaticano-uma-autentica-revolucao-copernicana>.

Porém, toda esta mudança operada a partir do Concílio desencadeou alguns equívocos, por exemplo entre os leigos, que de imediato eram identificados com o povo de Deus, e a hierarquia, como se os ministros ordenados não fossem também eles povo de Deus.

Devido a estes riscos, surgiram algumas reservas no uso da noção de Igreja povo de Deus, e por isso no Sínodo Extraordinário dos Bispos, realizado em 1985 para avaliar o Concílio, e do qual não resultou nenhuma Exortação Apostólica, a opção na sua linguagem tenha sido a Igreja mistério de comunhão.<sup>7</sup> A “*Lumen Gentium* tem duas eclesiologias: a Igreja como sociedade hierárquica e a Igreja como povo de Deus. Qual havia de escolher dentro da constituição? Qual devia ser o nosso princípio de interpretação? O sínodo resolve o problema: “a eclesiologia da comunhão é uma ideia central e fundamental nos documentos do Concílio”<sup>8</sup>.

É essencial que, apesar destes riscos apontados, “a noção de Povo de Deus, pela sua fundamentação teológica e pela sua relevância prática pastoral, possui validade permanente e não pode ser ignorada na sua força fundamental de impulso de fidelidade evangélica e de renovação eclesial”<sup>9</sup>.

### *1.2. Igreja ministerial*

A Igreja, chamada por Deus no seu Filho Jesus e sob a força do Espírito Santo, é convocada a ser comunidade de fé, esperança e amor ao serviço do Reino de Deus. Viver este dom é responsabilidade de todos os seus membros “Mas, a cada um de nós foi dada a graça, segundo a medida do dom de Cristo” (Ef 4,7).

O Concílio Vaticano II ao partir do conceito de povo de Deus, “Afirma claramente que não há mais que um sacerdócio, o de Cristo”<sup>10</sup>. Deste sacerdócio participam todos os batizados que são chamados a viver o tríplice múnus de Cristo, sacerdote, profeta e rei.

A Igreja é chamada a acolher e a anunciar, quer pela palavra quer pela vida, no seio da comunidade. Todos os batizados são convocados a serem sujeitos ativos da sua fé e a dedicarem-se com todo o empenho à realização do Reino de Deus entre as nações.

Os sacramentos do Batismo e da Confirmação constituem o alicerce da vida e da ação dos cristãos, qualquer que seja o seu estado na Igreja, ministérios e serviços que exerçam.

---

<sup>7</sup> Cf. José Eduardo Borges de Pinho, *A Comunidade de Crentes em Cristo – Manual do Aluno- Educação Moral e Religiosa Católica – Ensino Secundário*, ed. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Gráfica Almondina, 2015), 37.

<sup>8</sup> Lode L. Wostyn, *Iglesia Y Mision Hoy: Ensayo de eclesiología* (Navarra: Editorial Verbo Divino, 1992), 109.

<sup>9</sup> Pinho, *A Comunidade dos Crentes em Cristo*, 37.

<sup>10</sup> Bernard Sesboüé, *No tengáis miedo!: Los minsterios en la Iglesia hoy* (Santander: Editorial Sal Terrae, 1998), 85.

Pelo Batismo, há uma igualdade fundamental entre todos os cristãos, igualdade que não invalida que haja diversidade de dons, serviços e ministérios (cf. LG 42). Nesta diversidade há uma corresponsabilidade que interpela todos os cristãos. O dom e a tarefa dizem respeito a todos, cuja vida deve ser pautada por um constante crescimento e amadurecimento da sua fé.

A situação laical, o ministério ordenado e a vida consagrada expressam o núcleo da identidade e missão da Igreja. Não há primazia de nenhum dos estados de vida, estes implicam-se mutuamente.

“Na Igreja-Comunhão os estados de vida encontram-se de tal maneira interligados que são ordenados uns para os outros. Comum, direi mesmo único, é, sem dúvida, o seu significado profundo: o de constituir a *modalidade segundo a qual se deve viver a igual dignidade cristã e a universal vocação à santidade na perfeição do amor*. São modalidades, ao mesmo tempo, *diferentes e complementares*, de modo que cada uma delas tem uma sua fisionomia original e inconfundível e, simultaneamente, cada uma delas se relaciona com as outras e se põe ao seu serviço. Assim, o estado de vida *laical* tem na índole secular a sua especificidade e realiza um serviço eclesial ao testemunhar e ao lembrar, à sua maneira, aos sacerdotes, aos religiosos e às religiosas, o significado que as coisas terrenas e temporais têm no desígnio salvífico de Deus. Por sua vez, o sacerdócio *ministerial* representa a garantia permanente da presença sacramental de Cristo Redentor nos diversos tempos e lugares. O estado *religioso* testemunha a índole escatológica da Igreja, isto é, a sua tensão para o Reino de Deus, que é prefigurado e, de certo modo, antecipado e pregustado nos votos de castidade, pobreza e obediência. Todos os estados de vida, tanto no seu conjunto como cada um deles em relação com os outros, estão ao serviço do crescimento da Igreja, são modalidades diferentes que profundamente se unem no «mistério de comunhão» da Igreja e que dinamicamente se coordenam na sua única missão” (ChL 55).

Na questão dos ministérios, temos de reforçar que estes se realizam dentro da comunidade eclesial e não existe diferença fundamental entre ministérios ordenados e não ordenados.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> O termo ministério (*servitium*) só em referência ao Ministério de Cristo se permite aplicar também aos fiéis não ordenados. Exprime a ação pela qual os membros da Igreja prolongam, nela e no mundo, a missão de Cristo. Cf. João Paulo II, “Alocução ao Simpósio sobre a Participação dos fiéis leigos no Ministério,” in L’Osservatore Romano, n°4, ed. Semanal em Português, 23 de abril 1994.

No que respeita ao ministério ordenado, este não se opõe à participação comum no mistério e ministério da Igreja, é sinal de comunhão de todos os fiéis na realidade eclesial; “situa-se “em relação”, é de alguma maneira “subordinado”: existe ao serviço do sacerdócio de Cristo e ao serviço do sacerdócio comum”<sup>12</sup>.

O ministério ordenado está estruturado numa tríplice dimensão: a dimensão pessoal, na medida em que é um compromisso pessoal assumido para toda a vida; a comunitária, uma vez que o ministro ordenado está inserido numa comunidade que procura servir; a colegial, pois o ministro ordenado pertence a uma estrutura ministerial: o bispo ao colégio episcopal e o presbítero ao colégio presbiteral (cf. LG 23, 28).

O ministério episcopal tem a missão de ensinar (cf. LG 25), santificar (cf. LG 26) e governar (cf. LG 27). Os presbíteros são cooperadores do ministério episcopal, dependem dos bispos para o exercício do poder e estão unidos a eles na honra do sacerdócio (cf. LG 28). Os diáconos servem em união com o bispo e o seu presbitério no ministério da Liturgia da Palavra e da caridade (cf. LG 29).

Não obstante o lugar estrutural que o ministério ordenado ocupa na Igreja, os ministérios batismais revestem-se de extrema importância na celebração da fé e no serviço fraterno na Igreja e no mundo. Todos os ministérios brotam do seio da Igreja em ordem à edificação da mesma.

Os ministérios não ordenados, na corresponsabilidade que interpela todos os cristãos para a vida e missão da Igreja, são vividos em união com o ministério ordenado e conforme os carismas de cada cristão.

O Concílio Vaticano II, no decreto sobre o Apostado dos Leigos afirma: “Existe na Igreja diversidade de funções, mas unidade de missão” (AA 2), no decreto sobre a atividade missionária da Igreja vê-se ainda de uma forma mais explícita “Ora bem: para a implantação da Igreja e para o desenvolvimento da comunidade cristã, são necessários ministérios diversos, que, suscitados pelo apelo divino no seio da mesma comunidade dos fiéis, devem ser encorajados e cultivados por todos com diligente cuidado” (AD 15).

Os carismas, dons pelos quais se manifesta e concretiza a graça de Deus, revestem-se de uma grande diversidade e demonstram a vitalidade da realidade eclesial. De entre as mais variadas formas de servir a Igreja destacamos: Catequese, Liturgia, Canto, Conselhos Económicos, Conselhos Pastorais Paroquiais, Ministros Extraordinários da Comunhão e Pastoral Social. Embora só alguns serviços, pelo que sinalizam, pela extensão pública e pela

---

<sup>12</sup> Pinho, *A Comunidade dos Crentes em Cristo*, 49.

importância da tarefa são instituídos como ministérios.<sup>13</sup> Todo o batizado é convocado, tem um lugar e uma tarefa na Igreja.

### *1.3. O ministério do anúncio*

“Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos” (Mt 28, 19-20).

Estas palavras proferidas para os discípulos são o cumprimento, por parte de Jesus Cristo, da promessa do Antigo Testamento sobre a presença divina na comunidade “Nada temas, porque Eu estou contigo; não te angusties, porque Eu sou o teu Deus. Eu fortaleço-te e auxilio-te; e amparo-te com a minha mão direita e vitoriosa” (Is 41,10), “Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar” (Jer 1,8). A missão dos discípulos conta com a presença do Mestre até ao fim dos tempos. Sinais e instrumentos da presença salvífica são a palavra do Evangelho e os gestos sacramentais de que os discípulos, congregados em Igreja, são portadores.

Olhemos como os discípulos anunciam e realizam o mandato de Jesus Cristo de ir e ensinar.

À luz do exposto no ponto anterior, o ministério ordenado está na continuidade do ministério apostólico que é indissociável do acontecimento Jesus Cristo, na sua vida, morte e ressurreição. Este ministério está dotado de uma particular representatividade de Jesus Cristo que é expresso no anúncio autorizado do Evangelho, enquanto preside à celebração da fé, à comunhão e serviço fraternos.

A proclamação da Palavra é realizada de uma forma textual, mas não se pode ficar apenas por aqui, é necessário que ela seja interpretada e atualizada “A tarefa primeira que se confia ao ministro é proclamar a Palavra e garantir a sua interpretação”<sup>14</sup>.

Porém, “Os ministros ordenados e instituídos não são os únicos responsáveis da Palavra”<sup>15</sup>, todo o povo de Deus anuncia o Evangelho. A evangelização é dever da Igreja e não apenas da parte institucional e orgânica, mas enquanto povo que peregrina para Deus; além de que não se pode nunca esquecer que o ministério tem as suas raízes na Trindade e a sua concretização na história do Povo de Deus (cf. EG 111).

Os “leigos têm um grande papel a desempenhar, para se tornarem «cooperadores da verdade» (3 Jo,8)” (AA 6). A sua missão é “orientada para o anúncio oficial da Palavra de

---

<sup>13</sup> Na Igreja universal apenas temos instituído o leitor e acólito.

<sup>14</sup> Duquoc, “*Creo en la Iglesia*”, 165.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

Deus na Igreja, a animação da comunidade e administração parcial dos sacramentos”<sup>16</sup>, mas “é muita ampla no que respeita à Palavra e animação das comunidades, e muito mais restrita com respeito aos sacramentos”<sup>17</sup>.

Tendo em conta o exposto, apresentamos as principais formas de anunciar:

- convocar e chamar à fé, dimensão que advém do mandato de Cristo. Realiza-se pela via do “primeiro anúncio”<sup>18</sup> e do despertar religioso das crianças (cf. EN 51-53);

- iniciação, daqueles que decidiram seguir Cristo “introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do povo de Deus” (AD 14), realizada essencialmente por meio da catequese em relação com os sacramentos da iniciação cristã, pela educação cristã e pelo ensino religioso escolar;

- permanente educação da fé, dirigida àqueles que sentem a necessidade de um constante amadurecimento da sua fé (cf. DGC 51);

- dimensão litúrgica, realizada através da homilia, intervenções e exortações no decorrer das celebrações da Palavra; também na preparação para os sacramentos (cf. DGC 51);

- dimensão teológica, onde se procura desenvolver a compreensão da fé (cf. DGC 51).

Tendo em consideração todas estas formas no anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo, a corresponsabilidade é essencial; que os batizados possam sentir a inquietação “Porque, se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar!” (1Cor 9,16).

## 2. Um olhar sobre a transmissão da fé

S. Paulo na Carta aos Romanos interpela “Como hão-de invocar aquele em que não acreditaram? E como hão-de acreditar naquele de quem não ouviram falar? E como hão-de ouvir falar, sem que o anuncie?” (Rm 10,14). Transmitir a fé é desde sempre missão da Igreja.

No mundo global com marcas de incerteza, imprevisibilidade, comunicação massiva, ofertas várias de solucionar problemas e dar respostas, uma maioria de pessoas vive emaranhada em mecanismos para se defender e é atraída por respostas provisórias sem qualquer capacidade de uma leitura profunda das realidades. Neste sentido, a transmissão da

---

<sup>16</sup> Sesboüé, *No tengáis miedo!*, 135.

<sup>17</sup> *Ibidem*.

<sup>18</sup> O primeiro anúncio é dirigido aos não crentes e àqueles que vivem de facto na indiferença religiosa. Tem a função de anunciar o Evangelho e de chamar à conversão (DGC 61).

fé deve assumir uma atitude de proximidade e dedicação, legível a partir da posição de cada um.

“A Fé não se deve pressupor mas propor”<sup>19</sup>. E esta proposta que requer dinamismo dos agentes da pastoral. E “transmitir a fé não significa dar informações”<sup>20</sup>, “transmitir a fé não se pode fazer mecanicamente”<sup>21</sup>, é um caminho que tem de ser percorrido.

Olhemos agora para algumas formas de transmitir a fé.

### *2.1. Iniciação cristã*

A Igreja tem como missão evangelizar, levar a Boa Nova de Jesus Cristo, sob a ação do Espírito Santo, a todos os povos (cf. AD 6). Além de testemunhar, de anunciar e chamar à conversão, de alimentar os fiéis no dom da comunhão, inicia na fé e na vida cristã. Através da catequese e dos sacramentos de iniciação cristã, aqueles que se converteram a Jesus Cristo são incorporados na comunidade, ou aqueles que reencontram o seu caminho e O seguem, são encaminhados para a comunidade (cf. AD 14; EN 22).

Na medida em que a Igreja inicia na fé e na vida cristã, há todo um dinamismo que está adjacente a este processo. Ser cristão acontece de forma gradual e progressiva.

A iniciação<sup>22</sup> cristã lança os alicerces da vida cristã e condiciona a edificação futura da fé. Vários são os intervenientes que se conjugam na iniciação cristã: “A iniciativa de Deus que nos comunica os seus dons nos sacramentos; a correspondência pessoal do candidato que se esforça por converter-se e crescer nas várias dimensões da fé; e o papel da comunidade cristã que testemunha a fé, acolhe e apoia o candidato”<sup>23</sup>.

O catecumenado, a catequese dos adultos já batizados e que pretendem voltar à fé, a catequese das crianças e dos jovens são formas de iniciação cristã. Mas a educação cristã familiar e o ensino religioso escolar são também formas de iniciação cristã (cf. DGC 51).

Neste sentido, a catequese é preponderante na iniciação cristã. A finalidade da ação catequética deve favorecer uma fé viva, explícita e atuante. Tendo em vista esta mesma

---

<sup>19</sup> Enzo Biemi, *El Segundo Anuncio* (Santander: Editorial Sal Terrae, 2013), 47.

<sup>20</sup> Papa Francisco, “Como se transmite a fé, Meditações Matutinas na Santa Missa Celebrada na Capela da Casa Santa Marta (03.05.2018)” in *L’Osservatore Romano*, nº19, ed. Semanal em Português, 10 de maio 2018.

<sup>21</sup> *Ibidem*.

<sup>22</sup> Salientamos que a referência à palavra iniciação não ocorre a partir da origem bíblica mas sim pagã, e “expressa um fenómeno humano geral, que obedece ao processo de adaptação que todo o homem se vê obrigado a viver em relação ao ambiente físico, com o ambiente social e cultural, e com o ambiente religioso”. Dionisio Borobio, *La iniciación cristiana* (Salamanca, Ediciones Sígueme, 1989), 17-18.

<sup>23</sup> “Documentos”, Conferência Episcopal, acedido em 10 de maio de 2018, [www.conferenciaepiscopal.pt/v1/para-que-acreditem-e-tenham-a-vida/?highlight=para%20que%20acreditem%20e%20tenham%20vida](http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/para-que-acreditem-e-tenham-a-vida/?highlight=para%20que%20acreditem%20e%20tenham%20vida).

finalidade a Igreja transmite aos catecúmenos e aos catequizandos a sua fé e a experiência do Evangelho de modo que estes a assumam e a professem (cf. DGC 66).

As características fundamentais da catequese de iniciação cristã são a de uma formação orgânica e sistemática na fé e de uma formação de base essencial (cf. DGC 67). A formação orgânica não é apenas um mero ensino mas toda uma aprendizagem da vida cristã, é “uma iniciação cristã integral” (CT 21) que favorece seguir a pessoa de Jesus Cristo, fornece as bases para a adesão.

Como paradigma da catequese de iniciação cristã temos o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA) que apresenta as seguintes etapas:

- Evangelização em pré-catecumenado (RICA 9-13); fase preparatória que tem como objetivos apresentar com segurança o *Kerigma*<sup>24</sup>, propiciar a conversão inicial a Jesus Cristo e é a etapa em que os simpatizantes assumem pela primeira vez desejar seguir Jesus Cristo e pedir o Batismo;

- Catecumenado (RICA 14-20); fase mais prolongada onde os candidatos recebem a formação cristã e se submetem a uma disciplina adequada;

- Tempo da purificação e iluminação (RICA 20-27); normalmente coincide com o Tempo da Quaresma. Destina-se a preparar de uma forma intensa os candidatos para a celebração dos sacramentos através da catequese e ações litúrgicas. É tempo de iluminação porque, em razão do Batismo, os neófitos são iluminados pela luz da fé;

- Celebração dos sacramentos; fase onde se celebram os sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Confirmação e Eucaristia) que normalmente acontece na Vigília Pascal;

- Mistagogia (RICA 27-40): tempo onde toda a comunidade, inclusive os neófitos, aprofunda o mistério Pascal e procura traduzi-lo na vida em fidelidade ao Evangelho. O “sentido e o valor deste tempo vêm da experiência pessoal e nova, tanto dos sacramentos como da comunidade” (RICA 40).<sup>25</sup>

A iniciação cristã de adultos é o modelo de toda a iniciação cristã, é uma ação dinâmica e progressiva tendo em vista o amadurecimento na fé.<sup>26</sup>

A educação cristã na família, ainda que hoje em dia cada vez mais residual, é uma forma de iniciação cristã. “no coração de cada família, deve ressoar também o querigma, a

---

<sup>24</sup> No contexto da transmissão da fé, *Kerigma* é o primeiro anúncio às pessoas que nunca escutaram a Boa Nova. *Kerigma*, catequese ou pregação são muitas vezes entendidos como sinónimos devido à sua importância no contexto da evangelização. Contudo *Kerigma*, é uma aspeto da evangelização. (Cf. EN 22).

<sup>25</sup> Cf. Departamento Arquidiocesano da Catequese, Catequistas – Século XXI (Braga: Empresa do Diário do Minho, 2006), 115-116.

<sup>26</sup> A este propósito o secretariado nacional de liturgia lançou o livro “Catequese para a Iniciação Cristã dos Adultos” que apresenta um total de 96 catequese articuladas em três anos de caminho de acordo com as etapas do RICA. Cf. Secretariado Nacional da Liturgia, *Catequese para a Iniciação Cristã dos adultos* (Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2016).

tempo e fora do tempo, para iluminar o caminho. Todos deveríamos poder dizer, a partir da vivência nas nossas famílias: «Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele» (1Jo 4, 16) ” (AL 290). A educação para a fé, feita pelos pais deve começar desde a mais tenra idade das crianças (cf. CT 68).

O ensino escolar da religião<sup>27</sup> ajuda os alunos que têm fé a compreender melhor a mensagem cristã, e aqueles que estão na fase da procura ou da dúvida poderão descobrir o que é a fé em Jesus Cristo e quais as respostas da Igreja às suas interrogações; aos não crentes assume as características de um anúncio missionário do Evangelho (cf. DGC 75).

No processo de iniciação cristã não se pode descurar que o ser humano está ligado a uma determinada cultura, sendo certo que o Evangelho é independente em relação a todas as culturas não deixa de ser vivido por homens ligados à mesma (cf. EN 20); “os métodos, obviamente, hão-de ser adaptados à idade, à cultura e à capacidade das pessoas” (EN 44).

## *2.2. Uma proposta que alguns aceitam - catequese*

O sujeito da catequese é a Igreja, que é a continuadora da missão de Jesus Cristo. A “finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade” (CT 5).

Tendo por base a finalidade da catequese, há que ressaltar a diferença que existe entre a catequese e o *Kerigma*. Este último “tem a função de anunciar o Evangelho e de chamar à conversão” (DGC 61), enquanto a catequese “distinta do primeiro anúncio” (CT 19), promove e faz amadurecer a conversão inicial, educando a fé do convertido e inserindo-o na comunidade cristã (cf. DGC61).

A Palavra de Deus é a fonte da catequese (cf. DGC 94), “A catequese sempre há-de haurir o seu conteúdo na fonte viva da Palavra de Deus, transmitida na Tradição e na Escritura. A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito inviolável da Palavra de Deus, confiado à Igreja” (CT 27).

À catequese cabe a responsabilidade de educar nas diversas dimensões da fé: a fé conhecida, celebrada, vivida e orada; inserida numa comunidade e com o sentido de missão.

O catequista, além da vocação comum para o apostolado a que todo o cristão é chamado, sente-se chamado a assumir a tarefa da catequese. A Igreja suscita, faz o discernimento da vocação e confia-lhe a missão de ensinar (cf. DGC 231).

---

<sup>27</sup> Ensino escolar da religião é equivalente à terminologia ensino religioso escolar referida no enquadramento da EMRC. Cf. “Enquadramento”, Educris, acedido em 16 de maio de 2018. <http://www.educris.com/v3/94-enquadramento>.

A comunidade é a origem da catequese porque o catequista não faz catequese em seu nome, mas em nome de toda a comunidade cristã e, por conseguinte, em nome da Igreja (cf. EN 60). É o lugar da catequese: “É como o seio materno onde se gera o Homem novo, por meio da Palavra e dos Sacramentos de Iniciação Cristã”<sup>28</sup>. A meta é também a comunidade pois é esta que acolhe os que são iniciados na fé.

Com vista à realização da finalidade da catequese, e com ela interrelacionada temos as tarefas (cf. DGC 85), nomeadamente:

- Favorecer o conhecimento da fé em que, com o aprofundamento do mesmo, se favorece e capacita o testemunho;

- A educação litúrgica que auxilia e fomenta a participação dos cristãos na liturgia. Deve educar para a oração, para a gratidão, para o sentido comunitário, para a percepção do significado dos símbolos; deve promover uma verdadeira vida litúrgica;

- A formação moral, indicadora do caminho a seguir. A catequese deve ser facilitadora de uma educação que propicie ao catequizando atitudes condizentes com o ser cristão e, ao mesmo tempo, lhe transmita a vida em Cristo concretizada em atitudes e opções morais;

- O ensinar a rezar, que promove o encontro íntimo com Deus. Que o catequizando aprenda de Jesus Cristo o seu modo de rezar, a forma como Ele se dirigia ao Pai.

“A catequese prepara ainda o cristão para viver em comunidade e para participar activamente na vida e na missão da Igreja” (DGC 86). Viver em comunidade acontece de uma forma progressiva. Ao educar para a missão, capacita os discípulos para a missão na vida profissional, cultural e social.

A comunidade cristã, e cada pessoa no âmbito desta é o destinatário da catequese (cf. DGC 168). Destina-se a todos os “crentes – cristão de qualquer idade que inicia ou aprofunda a sua fé no seio de uma comunidade eclesial”<sup>29</sup>.

A estruturação da catequese por idades deve ser exigência na comunidade. Devem ser proporcionadas catequese por idades, diversificadas e complementares, e segundo as exigências das necessidades e capacidades dos destinatários (cf. CT 45); “é indispensável prestar atenção a todos os elementos em jogo, elementos antropológico-evolutivos e teológico-pastorais, utilizando-se também os dados actualizados das ciências humanas e pedagógicas, relativos a cada idade” (DGC 171).

Deste modo, cada comunidade eclesial deve investir nos setores fundamentais e permanentes e ainda nos setores ocasionais onde se faz catequese.

---

<sup>28</sup> Departamento Arquidiocesano da Catequese, *Catequistas – Século XXI*, 125.

<sup>29</sup> “Programa e materiais de apoio ao Professor”, Educricis, acedido em 30 de abril de 2018, <http://www.educricis.com/v3/95-programa-e-materiais-de-apoio-ao-professor/861-emrc-e-catequese#destinatarios>.

Como setores fundamentais e permanentes, temos a catequese da infância, da adolescência, dos jovens e dos adultos. Na catequese da infância “nascem preciosas possibilidades para a edificação da Igreja e para a humanização da sociedade” (Chl 17). Na da adolescência, a catequese deve ajudar na busca da identidade cristã de forma a levar a um compromisso cristão. A catequese dos jovens deve proporcionar o aprofundamento da fé com momentos específicos ao nível doutrinal, bíblico, litúrgico e antropológico e a dos adultos diz “respeito a pessoas, que têm o direito e o dever de levar à maturidade o germen da fé que Deus lhe deu” (DGC 173).

Em termos de setores ocasionais da catequese, temos a catequese da pessoa idosa, independentemente da sua situação, ela requer “uma catequese de esperança, que provém da certeza do encontro definitivo com Deus” (DGC 187). Também no que respeita à catequese para deficientes ou inadaptados, a Igreja deve ter em atenção aqueles que sofrem quer no físico quer na mente (cf. DGC 189-190).<sup>30</sup>

A Igreja em Portugal definiu um “programa de catequese para a infância e adolescência traduzido num itinerário de dez anos [com dez catecismos], aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa, em novembro de 1988”<sup>31</sup>.

### 2.2.1. Inquietações

Um dos grandes problemas da catequese reside na iniciação cristã. Verifica-se que “na realidade não inicia mas, paradoxalmente, conclui”<sup>32</sup>. O sacramento da Confirmação para muitos é o fim do caminho, um bilhete de despedida da vida religiosa; “chegados ao Crisma são bastantes os que abandonam a Eucaristia”<sup>33</sup>, “após dez anos de catequese, não estão esclarecidos sobre os elementos fundamentais do cristianismo”<sup>34</sup> e “não mostram prática da

---

<sup>30</sup> A este propósito o Serviço Pastoral a Pessoas com Deficiência promoveu encontros em todas as dioceses de Portugal com a irmã Verónica Donatello, responsável pela catequese para pessoas com deficiência em Itália, com o objetivo de sensibilizar para a inclusão na Igreja. Na arquidiocese de Braga o encontro aconteceu na Basílica dos Congregados no dia 27 de maio de 2018. O Pe. Paulo Terroso, Reitor da Basílica afirmou que o encontro tem como objetivo dar voz, ouvir, estar próximo dos surdos e das pessoas com deficiência, na experiência e no testemunho da fé em Jesus. Cf. “Notícias,” Diocese-Braga, acessado em 29 de maio de 2018, <http://www.diocese-braga.pt/noticia/1/18437>. Em fevereiro de 2018 iniciaram, na Basílica 24 encontros de catequese de adultos para surdos. Cf. “Notícias,” Diocese-Braga, acessado em 29 de maio de 2018, <http://www.diocese-braga.pt/noticia/1/17576>. Nesta mesma Basílica existe um projeto pastoral de inclusão da comunidade surda onde desde 2016 a eucaristia das doze horas tem tradução em língua gestual.

<sup>31</sup> “Documentos”, Conferência Episcopal, acessado em 10 de maio de 2018, [www.conferenciaepiscopal.pt/v1/para-que-acreditem-e-tenham-a-vida/?highlight=para%20que%20acreditem%20e%20tenham%20vida](http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/para-que-acreditem-e-tenham-a-vida/?highlight=para%20que%20acreditem%20e%20tenham%20vida).

<sup>32</sup> Emilio Alberich, *Catequese Evangelizadora – Manual de Catequética Fundamental* (São Paulo: Editora Salesiana, 2007), 38.

<sup>33</sup> “Documentos”, Conferência Episcopal, acessado em 10 de maio de 2018, [www.conferenciaepiscopal.pt/v1/para-que-acreditem-e-tenham-a-vida/?highlight=para%20que%20acreditem%20e%20tenham%20vida](http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/para-que-acreditem-e-tenham-a-vida/?highlight=para%20que%20acreditem%20e%20tenham%20vida).

<sup>34</sup> Ibidem.

oração nem necessidade de escutar a Palavra da vida?”<sup>35</sup>. O itinerário catequético “tão longo e bem estruturado, não consegue «fazer cristãos», em quantidade e com a qualidade que desejaríamos. Concluídos os anos de catequese da Infância e da Adolescência e recebido o Crisma, são uma minoria os que se mantêm empenhados na comunidade cristã”<sup>36</sup>. O Papa Francisco, no discurso de 7 de Setembro de 2015, aos bispos da Conferência Episcopal de Portugal em visita *Ad Limina Apostolorum* também demonstra a sua preocupação relativamente a este problema.<sup>37</sup>

Outro problema tem a ver com a crise da pastoral sacramental que dificulta a catequização, “Baptismos, matrimónios, funerais, aniversários: muitas vezes encontramos-nos diante de cerimónias e ritos sagrados nos quais parece não existir a expressão de uma atitude autêntica de fé cristã. Não esquecer que a pastoral sacramental está estritamente vinculada ao exercício da catequese”<sup>38</sup>.

Embora haja um grande esforço por parte das comunidades paroquiais na catequese de adultos “na maioria das nossas comunidades, é sobretudo, catequese infantil”<sup>39</sup>, por isso numa maioria dos adultos a fé ficou infantil.

A forma de catequizar é outro problema, uma vez que a catequese “não comunica uma mensagem compreensível e significativa para os homens e mulheres do nosso tempo”<sup>40</sup>. A falta de formação dos catequistas “A grande maioria tem apenas o curso de iniciação”<sup>41</sup> e de outros agentes da pastoral “Preocupante no caso dos sacerdotes e seminaristas, que sofrem de uma falta crónica de preparação adequada no âmbito pastoral em geral e catequético em particular”<sup>42</sup>.

As alterações a nível familiar, “São cada vez mais numerosas as famílias que resultam de um segundo casamento, com as crianças divididas entre um pai num sítio e uma mãe noutra, onde o amor conjugal não é a fonte do amor paternal”<sup>43</sup>. Também “Em muitas famílias as crianças não “*respiram*” a fé, antes de a aprender e consciencializar, mesmo que os seus progenitores mantenham a preocupação de os inscrever na catequese”<sup>44</sup>.

---

<sup>35</sup> Ibidem.

<sup>36</sup> D. António Braga, “Identidade e diferença na Catequese,” in *Forum de Catequese*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 19.

<sup>37</sup> Cf. [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150907\\_ad-limina-portogallo.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150907_ad-limina-portogallo.html).

<sup>38</sup> Alberich, *Catequese Evangelizadora*, 39.

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> Ibidem, 40.

<sup>41</sup> P. Rui Alberto Almeida, “A situação da catequese em Portugal,” in *Forum de Catequese*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 144.

<sup>42</sup> Alberich, *Catequese Evangelizadora*, 40.

<sup>43</sup> D. José Policarpo, “Catequese num mundo em mudança,” in *Forum de Catequese*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 15.

<sup>44</sup> Ibidem.

A mutação cultural potenciada em boa parte pelos meios de comunicação social; as alterações dos valores de referência e a preocupação com o imediato são fatores que influenciam a catequese; “o laicismo reinante foi relegando a dimensão religiosa para a esfera do privado, retirando-lhe lugar na vida social”<sup>45</sup>. Muitos jovens não reconhecem credibilidade a muitas manifestações da vida religiosa nem à própria Igreja.

### 2.2.2. Desafios

Face ao exposto, podemos falar da necessidade de uma catequese renovada. De uma catequese que efetivamente proporcione comunhão e intimidade com Jesus Cristo, em que haja verdadeira adesão à sua pessoa. Que na caminhada da catequese “o catequizando se relacione com Deus e O encontre no que faz em cada dia; que O intua, O experimente, O encontre e se deixe encontrar por Ele”<sup>46</sup>.

Toda a comunidade cristã deve estar envolvida na catequese, à qual, em unidade com os seus pastores e com os responsáveis da catequese, se requer que proponha percursos diferenciados de catequese ou formação adequada para as diversas idades e situações.<sup>47</sup> Neste sentido pode colmatar-se a grande dificuldade das comunidades paroquiais integrarem no percurso catequético aqueles que o abandonaram durante um período e aqueles que nunca o iniciaram.

Deveríamos ter uma “catequese para adultos que implica as crianças, não de uma catequese infantil, que implica os adultos. Passagem duma catequese infantil a uma catequese para todos, de uma catequese por franjas de idade a uma catequese intergeracional, de uma catequese expositiva para uma catequese mistagógica”<sup>48</sup>. O modelo da catequese tem de ser o catecumenato (cf. DGC 91), “Não há catequese da Adolescência e da Infância, que resista, se não houver Catequese de Adultos”<sup>49</sup>. D. António Moiteiro<sup>50</sup>, numa entrevista dada à margem do 57º Encontro Nacional de Catequese, afirmou: “Nós temos muitos pais que hoje chegam-nos sem a iniciação da fé, apenas com a tradição de fazerem as festas tal como as celebraram quando eram crianças. Claro, isso para nós ainda é uma riqueza, porque a catequese ainda

---

<sup>45</sup> Ibidem, 16.

<sup>46</sup> Departamento Arquidiocesano da Catequese, *Catequistas – Século XXI*, 204.

<sup>47</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Para que acreditem e tenham vida: Orientações para a catequese actual* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005), 26.

<sup>48</sup> Cónego Carlos Paes, *Repensar a Pastoral* (Águeda: Paulinas, 2011), 33.

<sup>49</sup> D. António Braga, “Identidade e diferença na Catequese,” in *Forum de Catequese*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 24.

<sup>50</sup> Bispo de Aveiro, Licenciado em Teologia com especialidade em catequética. É o presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé.

motiva para que os pais matriculem os seus filhos, mas temos de envolver os pais também nesta educação na fé”<sup>51</sup>.

Urge uma catequese que leve ao encontro, à intimidade com Jesus Cristo. O problema não está nos materiais utilizados na catequese, os catecismos apresentam bem a figura e a vida de Jesus Cristo; o catequista e toda a comunidade têm de ser testemunho, proporcionar o encontro. Este tem de ser o modelo de catequese.<sup>52</sup>

Outro aspeto importante é a passagem ao modelo catecumenal em detrimento do modelo escolar. A catequese tem de ser vivida com dinâmica vocacional. Urge, portanto, deixar de fazer catequese em função do calendário escolar, os catequizandos não podem ficar afastados das maiores celebrações como as da Páscoa e do Natal. A própria linguagem usada deve mudar, ainda predomina a escolar como matrículas, aulas, alunos, passagem de ano.<sup>53</sup>

Precisamos de uma compreensão mais integral da catequese que, além de ensinar, abrace a dimensão celebrativa, orante e a prática do Evangelho; e uma renovação pedagógica que ajude a relacionar a fé e a vida, e a valorizar a liturgia realçando a Eucaristia; intensificar a dimensão missionária para cativar os ausentes e despertar os pais para a formação.<sup>54</sup>

Não podemos deixar de referir que o catequista é “Aquele que só pode ser entendido numa perspetiva eclesial: ele não fala de si mesmo nem actua por sua conta e risco, mas é porta voz da Igreja”<sup>55</sup>. O perfil renovado que se exige assenta na consciencialização da necessidade de formação permanente quer ao nível dos conhecimentos quer da vivência da fé.<sup>56</sup> “O catequista é um discípulo que aprende, também ele está a caminho, também ele tem a necessidade de se identificar mais com Jesus Cristo; mas por sua vez ele também é testemunha para os seus catequizandos, ele também é mestre. E estas são as duas dimensões que devemos cultivar muito na formação de catequistas”<sup>57</sup>.

No âmbito da pedagogia, esta deve ser imitação da pedagogia de Jesus, centrada nas atitudes. O catequista deve ter consciência que o exercício da sua missão implica anúncio, ensino e testemunho.<sup>58</sup>

Ainda a relação entre a catequese e inculturação<sup>59</sup>; esta sem a Palavra de Deus torna-se distante. A 32ª Assembleia Geral dos Jesuítas (1974/1975) acolheu o conceito nos seus

---

<sup>51</sup> “Nacional,” Ecclesia, acedido em 15 de maio de 2018, [www.agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-novo-perfil-de-catequista-para-responder-a-uma-mudanca-de-paradigma-na-transmissao-da-fe](http://www.agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-novo-perfil-de-catequista-para-responder-a-uma-mudanca-de-paradigma-na-transmissao-da-fe).

<sup>52</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo* (Torres Novas: Gráfica Almondina, 2017), 6.

<sup>53</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>54</sup> Cf. *Ibidem*, 10.

<sup>55</sup> P. Manuel Queirós da Costa, “O Grupo de Catequistas como experiência eclesial,” in *Forum de Catequese*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 127.

<sup>56</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo*, 10.

<sup>57</sup> “Nacional,” Ecclesia, acedido em 15 de maio de 2018, [www.agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-novo-perfil-de-catequista-para-responder-a-uma-mudanca-de-paradigma-na-transmissao-da-fe](http://www.agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-novo-perfil-de-catequista-para-responder-a-uma-mudanca-de-paradigma-na-transmissao-da-fe).

<sup>58</sup> Cf. Departamento Arquidiocesano da Catequese, *Catequistas – Século XXI*, 194.

documentos, e mesmo um memorial de Pedro Arrupe, então superior geral, ao Sínodo Romano dos Bispos de 1977 alude que a falta de inculturação é um dos grandes óbices para a evangelização.<sup>60</sup> Por isso a necessidade da inculturação para a catequese em que

“a primeira atitude a ser desenvolvida tem de ser a de um grande acolhimento. Este traduz-se numa imensa disponibilidade interior para escutar, compreender, valorizar tudo o que é positivo e os aspectos positivos de tudo. É, afinal, o gesto do Ressuscitado que se põe a caminho com os desanimados e desorientados de Emaús e que só fala depois de ter apropriado a dor e a noite dos seus companheiros. Na catequese, isso significa que cada pessoa é única. Seja a criança irrequieta, a portadora de alguma deficiência, a criança imigrante ou o adolescente provocador. Este acolhimento leva a/o catequista a colocar-se ao nível das vivências, dos interesses, dos problemas e alegrias de cada catequizando e do grupo no seu todo”<sup>61</sup>.

Deste modo, “a Igreja tem de discernir, continuamente, os *sinais dos tempos*”<sup>62</sup> na sua forma de catequizar. Devemos ter uma catequese com o realismo da encarnação. Aprender a ser cristão num mundo concreto, “A fé cristã é sempre uma luz sobre o tempo concreto que vivemos”<sup>63</sup>. A Igreja, para “poder anunciar com frutos a sua mensagem aos homens de hoje, não lhe basta debruçar-se apenas sobre a Palavra, isto é, sobre a Escritura e a tradição; ela precisa de escutar e perceber os acontecimentos e os movimentos históricos”<sup>64</sup>.

### 2.3. *Uma proposta para todos – EMRC*

De entre todos os meios de educação, a Escola reveste-se de especial importância pelo carácter da sua missão enquanto meio que permite cultivar as faculdades intelectuais, desenvolver a capacidade de julgar e fomentar a inserção no património cultural adquirido pelas gerações anteriores. Ao mesmo tempo, prepara para o futuro e promove um sadio convívio entre os pares tendo em vista o sucesso. Todos, comunidade educativa, família,

---

<sup>59</sup> “O termo “aculturação”, ou “inculturação”, apesar de ser um neologismo, exprime muito bem uma das componentes do grande mistério da Encarnação. Podemos dizer da catequese, como da evangelização em geral, que ela é chamada a levar a força do Evangelho ao coração da cultura e das culturas” (CT 53).

<sup>60</sup> Cf. Hans M. Baumgartner et al., “Inculturação”, in *Dicionários de Conceitos Fundamentais de Teologia*, trad. João Rezende Costa (São Paulo: Paulus, 1993), 395-400.

<sup>61</sup> P. José Cardoso de Almeida, “Catequese e Inculturação,” in *Forum de EMRC*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005), 183-184.

<sup>62</sup> D. José Policarpo, “Catequese num mundo em mudança,” in *Forum de Catequese*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 16.

<sup>63</sup> *Ibidem*, 17.

<sup>64</sup> José da Cruz Policarpo, *Sinais dos Tempos: Génesis Histórica e Interpretação Teológica* (Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1971), 283.

promotores da vida cultural, civil e religiosa, devem sentir-se envolvidos e responsáveis.

Todas as alterações operadas na sociedade, em que as atenções do sistema educativo evidenciam mais a formação académica e mesmo técnica, descurando os outros aspetos da formação integral do ser humano, demonstram a chamada crise de valores, ou melhor dizendo, a valorização de outros valores a que até então não se dava importância.

O Papa Francisco chama a atenção para a necessidade de “uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores” (EG 64).

Portugal teve desde sempre influências judaico-cristãs, e a educação/ensino tiveram a sua origem na própria Igreja e progressivamente passou-se de um ensino estatal confessional para um ensino público aconfessional.<sup>65</sup>

Atualmente temos um ensino público aconfessional, no qual se leciona a disciplina de EMRC com uma natureza confessional, que tem por base o Evangelho e os valores cristãos. Esta tem carácter facultativo, e o objetivo fundamental é educar para a dimensão religiosa e moral, e para a compreensão dos elementos mais profundos da cultura nacional; inevitavelmente aberta ao mundo.<sup>66</sup>

O ordenamento jurídico que suporta a disciplina resulta atualmente da Concordata de 2004 entre a Santa Sé e a República Portuguesa conforme resolução da Assembleia da República nº74/2004.

A disciplina está implantada em toda a rede escolar – escolas estatais, particulares e cooperativas, particulares e escolas católicas – e é no seio deste ambiente cultural que ela desenvolve um importante trabalho. O contributo da EMRC para o desenvolvimento dos alunos – crianças, adolescentes e jovens – advém do reconhecimento da “componente religiosa como fator insubstituível para o crescimento em humanidade e liberdade”<sup>67</sup>. Neste sentido é facilitadora do amadurecimento das interpelações que se colocam sobre o sentido da vida e mostra que “o Evangelho de Cristo oferece uma verdadeira e plena resposta, cuja fecundidade inexaurível se manifesta nos valores de fé e de humanidade, expressos pela comunidade crente e arraigados no tecido histórico e cultural das populações da Europa”<sup>68</sup>.

---

<sup>65</sup> Cf. José Manuel Sevilas Martins, “Enquadramento Histórico / Legal do Ensino Religioso nas Escolas Públicas,” in *Forum de EMRC*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005), 61.

<sup>66</sup> Cf., “Enquadramento,” Educricis, acessido em 16 de maio de 2018, <http://www.educricis.com/v3/94-enquadramento>.

<sup>67</sup> João Paulo II, “Conhecer o património do cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica. Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública (15.04.1991),” in *L’Osservatore Romano*, nº16, ed. Semanal em Português, 21 de abril 1991.

<sup>68</sup> *Ibidem*.

Certamente não se consegue compreender de uma forma verdadeira a realidade social sem conhecer o fenómeno religioso, suas expressões e influências culturais, pois a dimensão religiosa é constitutiva do ser humano.

A EMRC norteia-se por “formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade”<sup>69</sup>. Destina-se a “alunos crentes na confissão religiosa em que se está a lecionar, crentes em outras confissões religiosas e não crentes”<sup>70</sup>, será de acrescentar que também se destina àqueles que estão à procura de um caminho. Esta diversidade vai de encontro à situação das famílias que optam pela inscrição dos seus educandos na disciplina. Se umas é pelo desejo que a componente religiosa integre a sua formação, outras é apenas pela informação e formação moral e cultural que lhes é proporcionada.

Instalada na Escola, a EMRC está também inserida nas suas finalidades, usa os seus métodos e possui uma especificidade própria “O que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de relacionar com os outros saberes” (DGC 73).

“São finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica:

- Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência”<sup>71</sup>.

---

<sup>69</sup> Ibidem.

<sup>70</sup> “Programa e materiais de apoio ao Professor”, Educris, acedido em 30 de abril de 2018, <http://www.educris.com/v3/95-programa-e-materiais-de-apoio-ao-professor/861-emrc-e-catequese#destinatarios>.

<sup>71</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*, 5.

Em termos de metas curriculares, estas estão repartidas por três domínios de aprendizagem: Religião e Experiência Religiosa, Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida e Ética e Moral. De entre outras metas, temos o conhecimento da mensagem cristã e cultura bíblicas, o conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade, a promoção do diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz, a colaboração entre os povos e o reconhecer à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoas humana.<sup>72</sup>

Os professores/educadores são preponderantes no sistema educativo. O professor de EMRC tem um duplo papel, é professor com obrigações inerentes a qualquer professor, mas tem de ser considerado idóneo pela Igreja para o exercício da sua função conforme o estabelecido nº3 do artigo 19º da Concordata. Por isso, o professor de EMRC tem um perfil específico, salientando-se “a sua relação com a fé cristã e com a comunidade cristã; a sua competência em termos de conhecimento dos conteúdos específicos da disciplina e o seu comportamento concreto, entendido como testemunho de vida e actualização da fé em que diz acreditar”<sup>73</sup>.

O professor de EMRC deve responder a três grandes requisitos e qualidades, ao nível da personalidade humana, docente e crente. Na personalidade humana, deve ter maturidade e facilidade de estabelecer relações, postura cívica e ética. Na docente, deve possuir propensão para o ensino e ter aptidão científica e profissional. Na personalidade crente deve ter uma fé comprometida, ser testemunha coerente, ser claro e objetivo na transmissão da fé e doutrina da Igreja e ter a capacidade de criar nos alunos abertura à dimensão religiosa.<sup>74</sup>

### 2.3.1. Inquietações

Apesar de toda a divulgação e informação fornecidas acerca da disciplina de EMRC, a confusão com a catequese ainda persiste. São os próprios pais ou educadores, mesmo crentes, que alimentam esta questão e não efetuam a matrícula na disciplina.

A questão dos horários em que a disciplina é lecionada é uma inquietação; “as aulas de EMRC são colocadas depois das restantes disciplinas ou acabam remetidas para o primeiro

---

<sup>72</sup> Cf. *Ibidem*, 8.

<sup>73</sup> Jorge Augusto Paulo Pereira, “Questões Fundamentais - Didáctica de Educação Moral e Religiosa Católica,” in *Forum de EMRC*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005), 120.

<sup>74</sup> Cf. D.Tomaz Silva Nunes, “O Perfil do Docente de Educação Moral e Religiosa Católica,” in *Forum de EMRC*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005), 87.

tempo”<sup>75</sup>, e não raras vezes escutamos os alunos a dizer que podiam dormir mais tempo, que podiam ter mais uma hora de almoço ou que podiam ir para casa mais cedo.

Temos ainda o olhar desconfiado dos professores de outras disciplinas acerca da EMRC, sobre os seus conteúdos e a capacidade do professor, “houve estabelecimentos em que os diretores de turma iam ver os sumários que eu escrevia. Alguns questionaram o que eu dava nas aulas, se falava sobre a Igreja ou sobre a sua doutrina e perguntavam se os alunos escutavam. «Ah, que estranho», diziam”<sup>76</sup>. Nas matrículas, “há colegas que desincentivam a inscrição por causa dos horários de EMRC e do seu regime de faltas [idêntico ao das restantes disciplinas]”<sup>77</sup>. Também algumas direções de escolas ainda olham a EMRC com uma disciplina menor.

É também uma inquietação a questão da formação dos professores de EMRC onde se verificam algumas lacunas “Há que reforçar a componente prática da formação e enquadrá-la nos aspetos concretos, relevantes para a prática docente.”<sup>78</sup>

### 2.3.2. Desafios

Além das inquietações referidas, é hora de deixarmos alguns desafios que nos parecem pertinentes.

D. José Cordeiro<sup>79</sup> salienta a relevância da disciplina de EMRC para a educação integral das novas gerações. Na carta que escreveu aquando do período de matrículas divulgada pela Agência Ecclesia, apela às escolas que façam cumprir a legislação no que respeita à sua oferta obrigatória e à constituição dos horários e turmas.<sup>80</sup>

O prelado frisa ainda que a presença da EMRC na escola é um direito e não um privilégio. A presença não pode depender da boa ou má vontade da direção da escola ou dos diretores de turma, não sendo concebível que seja menosprezada ou desaconselhada no período de matrículas. Desafia os pais e os encarregados de educação a promoverem a opção pela EMRC que assenta em valores cristãos.<sup>81</sup>

---

<sup>75</sup> “Página de Arquivo,” Ecclesia, acessido em 15 de maio de 2018, [www.agencia.ecclesia.pt/noticias/entrevistas/emrc-conquista-os-alunos-e-a-escola](http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/entrevistas/emrc-conquista-os-alunos-e-a-escola).

<sup>76</sup> Ibidem.

<sup>77</sup> Ibidem.

<sup>78</sup> Cristina Sá Carvalho e Jorge Augusto Paulo Pereira, “A Formação de Professores Vocacionada para a Educação Moral e Religiosa Católica,” in *Forum de EMRC*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005), 102.

<sup>79</sup> Bispo de Bragança-Miranda. Doutoramento na área da Liturgia. É vogal da Comissão para a Liturgia e Espiritualidade e da Comissão Episcopal para as Vocações e Ministérios.

<sup>80</sup> Cf. “Nacional,” Ecclesia, acessido em 15 de maio de 2018, [www.agencia.ecclesia.pt/portal/emrc-presenca-da-educacao-moral-e-religiosa-catolica-nas-escolas-nao-e-um-privilegio-mas-um-direito-d-jose-cordeiro](http://www.agencia.ecclesia.pt/portal/emrc-presenca-da-educacao-moral-e-religiosa-catolica-nas-escolas-nao-e-um-privilegio-mas-um-direito-d-jose-cordeiro).

<sup>81</sup> Ibidem

Neste sentido, é importante o esclarecimento e o incentivo a alunos e encarregados de educação acerca da EMRC; “Daí a necessidade de levar até eles os objectivos e programa da disciplina”<sup>82</sup>. É necessário desmitificar a ideia da EMRC ser apenas para encher o horário, ser igual à catequese. EMRC e catequese são distintas e complementares “Há um nexo indestrutível e, simultaneamente, uma clara distinção entre o Ensino Religioso e a Catequese” (DGC 73).

A EMRC e a Catequese são bem distintos nos seus programas e finalidades. Na primeira, há uma abordagem crítica e sistemática dos valores que integram a construção da pessoa e da sua participação plena na sociedade, com vista a uma cidadania plena, e não é o local de iniciação aos ritos litúrgicos ou mesmo experiências espirituais em comunidade. Na Escola, a EMRC ensina a ser crítico relativamente às práticas que cada pessoa faz de acordo com a sua integração ética e religiosa na sociedade. Por seu turno, a Catequese é o ensino específico daqueles que, no seio de uma comunidade, querem celebrar e aprofundar a sua relação com Deus.<sup>83</sup>

Importa motivar pais, encarregados de educação e alunos para a EMRC, a fim de perceberem que “acolher o desafio do saber religioso é decifrar os enigmas essenciais da pessoa humana; sem ele, a história perde-se no labirinto do sem-sentido. Estudar o saber religioso é encontrar pistas de compreensão dos movimentos da história”<sup>84</sup>.

Embora a formação dos professores de EMRC esteja regulamentada pelo despacho n.º 6809/2014, a formação contínua é importante. “Neste capítulo, é de salientar o esforço que alguns secretariados diocesanos têm despendido, no sentido de promover acções de formação de qualidade”<sup>85</sup>. Os professores devem estar empenhados na sua autoformação. Salientamos ainda a necessidade de formação EMRC no 1.º ciclo do Ensino Básico.

De referir que a EMRC deve apostar na promoção da transdisciplinaridade, ter em vista o desenvolvimento harmónico da pessoa humana; olhar para a disciplina como uma oportunidade para o desenvolvimento da personalidade religiosa e a construção de uma estrutura mental religiosa.<sup>86</sup> Como afirmou D. José Traquina<sup>87</sup> à margem do VIII Encontro Nacional EMRC do Ensino Secundário, “Nós precisamos de jovens defensores de valores,

---

<sup>82</sup> Maria de Fátima Bastos Rocha, “Educação Moral e Religiosa Católica e Ensino Básico,” in *Forum de EMRC*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005), 145.

<sup>83</sup> Cf. “Programa e materiais de apoio ao Professor”, Educris, acessido em 15 de maio de 2018, <http://www.educris.com/v3/95-programa-e-materiais-de-apoio-ao-professor/861-emrc-e-catequese>.

<sup>84</sup> P. Querubim José Pereira da Silva, “O Saber Religioso, Factor de Cultura e Educação,” in *Forum de EMRC*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005), 26.

<sup>85</sup> Cristina Sá Carvalho e Jorge Augusto Paulo Pereira, “A Formação de Professores Vocacionada para a Educação Moral e Religiosa Católica,” 98.

<sup>86</sup> Cf. Juan Francisco Ambrosio, “Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Católica,” in *Forum de EMRC*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005), 158-159.

<sup>87</sup> Bispo da diocese de Santarém desde novembro de 2017.

com os quais se edifiquem, queremos que os jovens cristãos não sejam só consumidores mas gente entusiasmada com a vida e que estejam dispostos a edificar uma sociedade e um mundo melhor”<sup>88</sup>.

### 3. Expressão cultural da Igreja

Olharmos a presença da Igreja passa também pela forma como esta se expressa culturalmente, como manifesta o seu património e como promove a cultura.

A Igreja e a cultura<sup>89</sup> sempre caminharam juntas. Ambas valorizam o belo, o bom, o verdadeiro, a justiça e a liberdade; abraçam o que há de bom no ser humano. Este necessita, por isso, de uma cultura para uma autêntica realização (cf. GS 53).

O saber religioso plasmou e plasma matrizes culturais, e “mesmo reprimido, continuará a fermentar e enformar modelos civilizacionais”<sup>90</sup>. Além de ter modelado, em todos os tempos, mulheres e homens, capacitou militantes de movimentos, programou itinerários, despertou líderes carismáticos, provocou mudanças.<sup>91</sup>

Ao longo do tempo, a Igreja, “ergueu templos e catedrais, modelou esculturas, pintou madeiras e telas, dedilhou música, escreveu poemas e narrativas; fundou mosteiros, criou escolas e universidades; constituiu instituições de assistência e saúde”<sup>92</sup>. Deste modo o património da Igreja é constituído pelos bens e valores materiais ou imateriais tangíveis ou intangíveis, nos quais se verifica a herança da comunidade. Deve, por isso, ser colocado ao serviço de toda a humanidade.

As manifestações culturais mantêm viva a memória e passam às gerações vindouras toda uma cultura e identidade. O mesmo se verifica na Igreja.

No desempenho da sua missão e na continuidade da ação de Deus na linguagem humana, a Igreja, no que respeita ao culto a Deus ou ao ensino catequético, tem ao seu dispor imagens, alfaias, símbolos decorativos, vestes, livros, cânticos e costumes tradicionais.<sup>93</sup> No

---

<sup>88</sup> “Nacional,” Ecclesia, acedido em 15 de maio de 2018, [www.agencia.ecclesia.pt/portal/emrc-queremos-jovens-cristaos-entusiasmados-com-a-vida-d-jose-traquina](http://www.agencia.ecclesia.pt/portal/emrc-queremos-jovens-cristaos-entusiasmados-com-a-vida-d-jose-traquina).

<sup>89</sup> “A palavra “cultura” indica, em geral, todas as coisas por meio das quais o Homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e do seu corpo; se esforça por dominar, pelo estudo e pelo trabalho, o próprio mundo; torna mais humana, com o progresso dos costumes e das instituições, a vida social, quer na família quer na comunidade civil; e finalmente, no decorrer do tempo, exprime, comunica aos outros e conserva nas suas obras, para que sejam de proveito a muitos e até à inteira humanidade, as suas grandes experiências espirituais e as suas aspirações.” (GS53).

<sup>90</sup> P. Querubim José Pereira da Silva, “O Saber Religioso, Factor de Cultura e Educação,” 24.

<sup>91</sup> Cf. *Ibidem*, 25.

<sup>92</sup> *Ibidem*.

<sup>93</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Princípios e Orientações sobre os bens Culturais da Igreja* (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2005), 4.

entanto, mesmo que os bens percam o uso litúrgico ou expressão catequética, e sejam apenas testemunho da tradição, a Igreja guarda e cuida esses mesmos bens.<sup>94</sup>

Deste modo, a Igreja anunciou e anuncia o Evangelho pelas artes literárias, figurativas, musicais e arquitetónicas, conservou e continua a conservar memórias históricas e documentos valiosos da vida e reflexão dos crentes; consciente que a mensagem de salvação foi e é dirigida a crentes e a não crentes.<sup>95</sup>

Reportando-nos à arte, os cristãos desenvolveram ao longo dos tempos um tipo de arte que se coaduna com o contexto em si, sendo que umas vezes foi a protagonista e outras assumiu apenas um papel secundário. Ela serviu e serve como um ato de adoração, uma mediação entre o ser humano e Deus, um lugar onde se faz a experiência do sagrado; “os cristãos constroem edifícios destinados ao culto divino. Estas igrejas visíveis não são simples lugares de reunião, mas significam a Igreja que vive nesse lugar, morada de Deus com os homens reconciliados e unidos a Cristo” (CCE 1180).

Salientamos que no culto das imagens é importante ter cuidado com o mesmo, “Mantendo-se o uso de expor imagens nas igrejas à veneração dos fiéis. Sejam, no entanto, em número comedido e na ordem devida, para não causar estranheza aos fiéis nem contemporizar com uma devoção menos ortodoxa” (SC 125).

No caminhar em conjunto da Igreja e da cultura, continua a fazer-se sentir a importância da Igreja na promoção de cultura. A Comissão dos Episcopados Católicos da Europa (COMECE)<sup>96</sup> organizou a conferência “Promoção da herança cristã na Europa”, realizada em 31 de janeiro de 2018, na qual a Igreja Católica foi destacada pelo seu importante papel na construção da cultura e identidade e como um exemplo de unidade na diversidade.<sup>97</sup>

Ao longo do ano de 2018 decorre o Ano Europeu da Herança Cultural, promovido pela União Europeia. E, no âmbito de um evento ligado ao mesmo, o comissário Tibor Navracsics, responsável pelos setores da Educação, Cultura, Juventude e Desporto da União Europeia, fez o convite à Igreja no sentido de usar todas as ferramentas para a promoção da dimensão espiritual da cultura; por seu turno, o secretário geral da COMECE, frei Olivier

---

<sup>94</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>95</sup> Cf. Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, *Os Bens Culturais da Igreja* (Lisboa: Paulinas, 2000), 11.

<sup>96</sup> Foi fundada em 3 de março de 1980, e a qual a Igreja Católica Portuguesa integra, sendo representada pelo Arcebispo Primaz de Braga, D. Jorge Ortiga.

<sup>97</sup> Cf. “Press Releases”, Comece, acedido em 30 de abril de 2018, <http://www.comece.eu/comece-conference-on-promoting-the-christian-heritage-of-europe-30039>.

Poquillon, frisou que a Igreja, além de ter a dimensão espiritual, é também um ator central no desenvolvimento da cultura.<sup>98</sup>

Todavia, ainda no mesmo âmbito, o secretário do Pontifício Conselho para a Cultura, monsenhor Paul Tighe, destacou que sem a noção do legado cristão que ajudou a moldar a Europa, os países e as pessoas perderão as chaves de interpretação da sua própria cultura.<sup>99</sup>

A “ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exactamente das culturas.” (EN 20). A Catequese e a EMRC, que nos referimos anteriormente, são esforços de evangelização que “a par com as manifestações rituais insculturadas, produzem um manancial de documentos e “monumentos” culturais, que permanecem, através das gerações, como motivos de estudo, factores de admiração e interpretação, continuando a sua função cultural e, não raro, impondo-se como paradigma educativo”<sup>100</sup>.

#### 4. Síntese

Ao longo deste capítulo, fomos levados a refletir sobre a presença da Igreja, olhando a consciência de ser Igreja, a transmissão da fé e a expressão cultural da Igreja.

Na reflexão sobre a consciência de ser Igreja, começamos por analisar a Igreja povo de Deus onde fizemos o caminho desde o Antigo Testamento até ao Concílio Vaticano II. Verificamos a importância da experiência crente de Israel para compreender a Igreja povo de Deus. Esta inicia-se com a vocação de Abraão, uma Aliança inicial, que mais tarde se torna coletiva na Aliança firmada no Sinai.

Acontece a infidelidade à Aliança, mas a chamada de atenção por parte dos profetas é já um prenúncio de uma nova Aliança que acontece mais tarde com Jesus Cristo. Com Ele nasce uma nova consciência de povo de Deus, Ele chama a atenção para o que é o essencial.

Do Concílio Vaticano II, apelidado o Concílio da Igreja, surge a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* que olha a Igreja em si mesma e que vem recolocar a importância da Igreja como povo de Deus.

---

<sup>98</sup> Cf. “Internacional”, Ecclesia, acedido em 30 de abril de 2018, <http://www.agencia.ecclesia.pt/portal/europa-igreja-catolica-destacada-em-bruxelas-enquanto-construtora-de-cultura-e-identidade-no-territorio>.

<sup>99</sup> Cf. Ibidem.

<sup>100</sup> P. Querubim José Pereira da Silva, “O Saber Religioso, Factor de Cultura e Educação,” 25.

Da reflexão sobre a Igreja ministerial fica firmado que todos os batizados participam do tríplice múnus de Cristo, sacerdote, profeta e rei. Todos são convocados a anunciar pela Palavra e pela vida, no seio da comunidade através da diversidade de dons, carismas e ministérios; e que nenhum deles se sobrepõe.

Concretamente no ministério do anúncio, ficamos com a certeza da necessidade de corresponsabilidade de todos os batizados no anúncio da Boa Nova.

Quando olhamos a transmissão da fé, verificamos a importância da iniciação cristã, que é o alicerce de toda a vida cristã e que acontece de uma forma lenta e progressiva.

Nas duas propostas que apresentamos, Catequese e EMRC, vimos a sua importância, que são diferentes mas complementares; que ambas têm de discernir os sinais dos tempos.

Apresentamos ainda a forma como a Igreja se expressa culturalmente, e apuramos que Igreja e cultura sempre cruzaram os seus caminhos. Ainda o valor que é reconhecido à Igreja como promotora de cultura.

## CAPÍTULO II – COMO A IGREJA COMUNHÃO ENTENDE A RELAÇÃO ENTRE CATEQUESE E ENSINO ESCOLAR DA RELIGIÃO

A comunhão apresenta-se-nos como um fundamento da Igreja perante a humanidade, “A comunhão eclesiológica é o fundamento da constituição da Igreja, em especial para entender corretamente a relação entre a unidade e pluralidade na Igreja”<sup>101</sup>. A diversidade é a riqueza da comunhão, esta obriga a sair de si, construir pontes num movimento de busca de Deus e do outro. Exprime-se como um relacionamento fraterno, preocupação e apoio mútuos, responsabilidade e partilha.

Viver a comunhão eclesial funda-se na escuta e acolhimento da Palavra de Deus e traduz-se no anúncio e testemunho, em diversos contextos, do Evangelho.

Tendo em conta que anteriormente nos debruçamos sobre a presença da Igreja, e que olhamos com atenção as suas duas propostas: Catequese e EMRC, iremos neste capítulo concentrarmo-nos na relação entre o ensino escolar da religião e a catequese. No primeiro ponto, apresentamos uma perspetiva diacrónica do ensino religioso em Portugal e no segundo, uma perspetiva diacrónica baseada na obra de Flávio Pajer.

### **1. Perspetiva diacrónica do ensino escolar da religião em Portugal**

A história de Portugal desde a fundação da nacionalidade tem a marca judaico-cristã. Todas as instituições educativas, e as outras, têm laços com a Igreja Católica.

Porém o ensino religioso escolar não teve sempre o mesmo percurso e sofreu alterações. Passamos de uma escola confessional e a religião do estado para uma escola neutra até ao ensino não confessional.

#### *1.1. Escola confessional e religião do Estado*

Até ao século XVIII, o Estado tinha uma relação de dependência com a Igreja. No século XIX e início do século XX existe uma relação de interdependência e influência, muitas vezes de conflitualidade não assumida; situação com características comuns aos restantes países do sul europeu.<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> Wostyn, *Iglesia Y Mision Hoy*, 109.

<sup>102</sup> Cf. José Manuel Sevivas Martins, “Enquadramento Histórico/Legal do Ensino Religioso nas Escolas Públicas,” in *Forum de EMRC*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005), 62.

Sobre esta questão é pragmático o exemplo da Companhia de Jesus<sup>103</sup>, ou Jesuítas como normalmente são designados, que desde o reinado de D. João IV tinham grande influência sobre a sociedade portuguesa. Eram detentores de uma rede educativa única e muito bem organizada em todo o país, detinham 24 colégios e 17 residências.<sup>104</sup>

Porém, na tentativa de neutralização da Igreja Católica, em junho de 1759, o rei D. José extingue todas as escolas e classes dos religiosos Jesuítas. Em setembro do mesmo ano, foram expulsos do reino e proibida qualquer comunicação com eles; em consequência, as escolas são entregues a professores e mestres não eclesiásticos, instituiu-se aquilo a que hoje chamamos de corpo docente com a função específica de educar.<sup>105</sup>

No reinado de D. José, efetiva-se uma reforma generalizada do ensino, assume-se a oposição aos Jesuítas e à influência que eles até então tiveram na sociedade, mas o ensino manteve-se confessional. Em agosto de 1779, e já pela mão de D. Maria que sucedeu a D. José, dá-se a reforma dos Estudos Menores e o ensino elementar é entregue aos religiosos.

Porém, os ecos da Revolução Francesa ressoam, há uma certa instabilidade, surgem ainda as influências maçónicas e as tendências anarquistas. D. Maria é mesmo considerada louca.<sup>106</sup>

A situação é conflituosa, mas a Constituição de 1822 e a de 1836 continuava a afirmar que a Religião do Estado era a Religião Católica Apostólica Romana e mantinha o ensino da moral e do catecismo; há apenas um artigo que permite aos estrangeiros o exercício particular dos seus respetivos cultos.<sup>107</sup> Neste período, concretamente em 1834, por decreto são extintos os conventos, mosteiros, colégios e quaisquer casas de religiosos, passando tudo para o domínio do Estado.<sup>108</sup>

A presença da moral e da religião católica verifica-se no currículo escolar. O regulamento das escolas de instrução primária aponta a impregnação no quotidiano escolar de gestos e rituais oriundos da religião católica, como a abertura e encerramento das aulas com orações. Os professores são responsabilizados pela educação religiosa dos seus alunos.<sup>109</sup>

Por volta de 1870, a ideia de extinguir da vida política a influência da Igreja era cada vez mais uma tendência. Os movimentos republicanos, antimonárquicos e anticatólicos lutam

---

<sup>103</sup> Ordem Religiosa da Igreja Católica aprovada pelo Papa Paulo III em 27 de Setembro de 1540. Cf. "Quem Somos", Pontossj, acedido em 13 de maio de 2018, <https://pontossj.pt/jesuitas/quem-somos>.

<sup>104</sup> Cf. Ibidem.

<sup>105</sup> Cf. Ibidem, 63.

<sup>106</sup> Cf. J. A. Monteiro, "A Educação Moral e Religiosa no Sistema Educativo Português" (Dissertação de Mestrado Inédita, Universidade de Aveiro, 1995).

<sup>107</sup> Cf. J. Miranda, *As Constituições Portuguesas 1822-1826-1838-1911-1933-1976* (Lisboa: Livraria Petrony, 1976), 10.

<sup>108</sup> Cf. José Manuel Sevivas Martins, "O Ensino da Religião nas Escolas Públicas: A Educação Moral e Religiosa Católica no Ensino Público" (Dissertação de Mestrado Inédita, Universidade Portucalense, 2003).

<sup>109</sup> Cf. J.F. Gomes, *Relatórios do Conselho Superior de Instrução Pública (1844-1859)* (Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985).

por uma sociedade laica e liberta da monarquia e da religião. É introduzida a ideia de uma Escola neutra e de uma educação autónoma.<sup>110</sup>

### *1.2. Da Escola neutra ao ensino não confessional*

A República é proclamada a 5 de outubro de 1910, três dias após é promulgada a extinção das ordens religiosas. Mantém-se assim em vigor a ordem de extinção decretada na monarquia. Esta promulgação representa um duro golpe no ensino confessional, mas uma sequência de leis, decretos e diplomas reforçam o mesmo. Veja-se o exemplo do decreto de 22 de outubro de 1910 que extingue o ensino da doutrina cristã das escolas primárias.<sup>111</sup>

A Lei da Separação do Estado e da Igreja, de 20 de abril de 1911, afirma que a religião católica deixa de ser a religião do Estado. Na Constituição da República de 1911 está consagrado o reconhecimento do Estado da igualdade de todos os cultos e o ensino neutro em termos religiosos, tanto em escolas públicas como particulares.<sup>112</sup>

Mais tarde, em 1919, é regulamentado o ensino primário e secundário, no qual se prevê as disciplinas Moral e Instrução Moral e Cívica.<sup>113</sup>

Com o fim da I República inicia-se uma nova etapa nas relações entre o Estado e a Igreja, há uma tentativa de regeneração católica.<sup>114</sup>

Durante o período salazarista, as relações Estado e Igreja são de cumplicidade, embora nunca de subordinação do Estado. Na Constituição de 1933, o reconhecimento da influência da Igreja Católica nas instituições, no ensino e na sociedade está consagrado.

Em 1940 é assinada a Concordata entre a Santa Sé e o Estado Português onde ficam reguladas as relações entre o Estado e a Igreja Católica. Vários decretos e portarias posteriores surgem na tentativa de regulamentar o ensino da religião, concretizado na disciplina de Religião e Moral. A partir de 1970, os manuais, assumidamente católicos e autorizados pela Igreja, ajudam nas tarefas educativas.

No Estado Novo, a Religião e Moral Católicas ocupam lugar de destaque, porém “de uma forma ambígua, eram também colocadas em segundo plano, por se reduzirem, na prática,

---

<sup>110</sup> Cf. José Manuel Sevilas Martins, “Enquadramento Histórico/Legal do Ensino Religioso nas Escolas Públicas,” 66-67.

<sup>111</sup> Cf. *Ibidem*, 66.

<sup>112</sup> Cf. *Ibidem*, 67.

<sup>113</sup> Cf. *Ibidem*, 67.

<sup>114</sup> Cf. *Ibidem*, 68.

a lições de moral, leccionadas por um corpo docente numa situação profissional precária e dependente da nomeação anual”<sup>115</sup>.

A coesão nacional é mantida pelo catolicismo. Confunde-se a identidade de ser católico com a identidade de ser cidadão. A subordinação, no Estado Novo, é uma constante e as aulas de Religião e Moral transformam-se num prolongamento da catequese.<sup>116</sup> A Religião e Moral nas escolas públicas reproduz a fé, utiliza a pedagogia “condutiva e evolutiva, apenas com algumas ilustrações, exemplos ou aplicações da exposição bíblica, sem que se pensasse a vida e a experiência humana”<sup>117</sup>.

As divergências entre o Estado e a Igreja são notórias. Os documentos da Igreja falam da relação Família-Escola-Igreja, porém o Estado Novo reduz a intervenção da Igreja às aulas de Religião e Moral.<sup>118</sup>

Após o 25 de abril de 1974, consagra-se nas escolas públicas a disciplina de Religião e Moral Católicas. A Constituição da República de 1976 estabelece que o ensino público não será confessional, que há liberdade de ensinar e aprender; explícita o direito à liberdade de consciência, de religião e culto. Consagra a separação entre o Estado e a Igreja.

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) de 1986, reúne em torno de si consenso, e estabelece a não confessionalidade do ensino público, mas estipula que os currículos do ensino básico e secundário integrem o ensino da moral e religião católica a título facultativo.

Entretanto, vária legislação é publicada. Em 2004 surge a nova Concordata entre o Estado e a Santa Sé, que substituiu a anterior de 1940, e que estabelece as condições legais, hoje em vigor, da EMRC no ensino.

## **2. Perspetiva diacrónica baseada na obra de Flávio Pajer**

A exploração deste ponto terá como base o livro de *Flavio Pajer*<sup>119</sup> “*Escuela y Religión en Europa: Un camino de cincuenta años*”, que nos apresenta uma visão da escola e da religião na Europa entre 1960 e 2010.

---

<sup>115</sup> José Manuel Sevilas Martins, “Enquadramento Histórico/Legal do Ensino Religioso nas Escolas Públicas,” 71.

<sup>116</sup> Cf. Guilherme Braga da Cruz, “ ‘Direitos da Família, da Igreja e do Estado’: Problemas de Educação” (apresentado na Conferência Nacional dos Institutos Religiosos, Lisboa, 1954).

<sup>117</sup> A.Lopes, “Os novos programas de Educação Moral e Religiosa,” *Brotéria* nº97 (1973):126-396.

<sup>118</sup> Cf. José Manuel Sevilas Martins, “Enquadramento Histórico/Legal do Ensino Religioso nas Escolas Públicas,” 72.

<sup>119</sup> Flavio Pajer nascido em 1939 em Itália, religioso, debruça-se sobre Pedagogia Religiosa na Europa. É professor de Pedagogia e Didática das Religiões na Pontifícia Universidade Salesiana de Roma, professor convidado de vários centros académicos e foi presidente do Fórum Europeu do Ensino Religioso e é consultor da *Intereuropean Commission on Church and School* do Conselho da Europa e membro do Conselho de Orientação

Flavio Pajer, neste caminho de cinquenta anos, divide a evolução das relações entre a escola e a religião em três fases:

- A primeira fase, logo após o Concílio Vaticano II, da descatequização, onde se inicia a distinção entre catequese e o ensino religioso escolar<sup>120</sup>;
- A segunda fase, desde meados dos anos setenta até à queda do muro de Berlim em 1989, que se identifica pelo processo de escolarização do estudo da religião;
- A terceira fase, as últimas duas décadas, caracterizada pela emergência da diversidade religiosa.

Contudo, antes de vermos cada uma das fases é necessário termos em consideração que a divisão apresentada não é sincrónica em todos os países. A diferença é mais latente entre a Europa Ocidental e a Europa Oriental e nos países do Leste da Europa o ensino religioso escolar esteve vedado na escola pública nos trinta anos seguintes ao Concílio Vaticano II. As ideias estruturais incidentes sobre as relações Estado – Igreja e Igreja – Religiões condicionaram o ensino religioso na escola pública e são quase incomparáveis entre estados e a diversidade dos sistemas educativos que obrigam ou impedem o ensino religioso escolar.

A influência religiosa assente em três áreas históricas de âmbito confessional católico, protestante e ortodoxo determinaram o ensino religioso escolar ao nível da orientação confessional e ao nível das prioridades educativas. A cultura religiosa que a escola oferece tem o seu conhecimento fora da escola, reservado às Faculdades de Teologia e que passou depois para os Institutos de Ciências das Religiões. Ainda ao longo dos cinquenta anos em questão sempre existiram negociações das políticas educativas entre a Igreja<sup>121</sup> e Estado a que se veio juntar o Conselho da Europa que é como que um terceiro regulador neste sistema.

### *2.1. A descatequização - distinção entre catequese e o ensino religioso escolar*

Embora esta fase tenha o seu enfoque nos anos imediatamente seguintes ao Concílio Vaticano II, é importante percebermos como era a Europa no início dos anos sessenta.

Numa Europa que tinha vivido a 2ª Grande Guerra, começava-se a dar os primeiros passos para o que hoje é a União Europeia com a criação do Mercado Comum apenas com um pequeno grupo de países. As mudanças na sociedade eram muitas, vejamos o facto das mudanças demográficas, culturais e éticas marcadas pela secularização e até o surgimento de

---

Científica da Escola Livre Francesa. Cf. Flavio Pajer, *Escuela y Religión en Europa: Un camino de cincuenta años [1960-2010]*, trad. Emilio Alberich Sotomayor et al. (Madrid: PPC editorial, 2012).

<sup>120</sup> Ensino religioso escolar é a terminologia utilizada pelo autor.

<sup>121</sup> Nos últimos anos não apenas a cristã mas também outras entidades religiosas.

novos movimentos religiosos que até então se desconheciam. É uma sociedade politicamente laica que reconhece o direito à liberdade religiosa.

Todavia, é também uma sociedade em que a família e a escola entram num processo de perda de capacidade de transmissão dos valores e costumes, em que a escolarização cresce exponencialmente e onde a diversidade religiosa e mesmo étnica impele a que o Estado e a Igreja se comprometam com estratégias para regular os símbolos e linguagens no espaço público, nomeadamente na escola e até mesmo na universidade.

Acrescem ainda os acontecimentos fora da Europa onde “John Kennedy lançava o desafio duma “nova fronteira” e Martín Luther King se colocava à frente de um povo em busca de salvação e dignidade”<sup>122</sup>. A contestação juvenil nos campos americanos que rapidamente chega à escola e à universidade na Europa, mas também o grande acontecimento do maio de 1968, que em conjunto com os anteriores veio provocar uma grande mudança em toda a sociedade europeia.

Temos ainda o esforço levado a cabo quer por instituições quer por pessoas ligadas à investigação e à área da teologia pastoral e da catequética, no sentido de redefinição do ensino religioso escolar.

Após esta descrição dos acontecimentos mais marcantes na Europa dos anos sessenta, vejamos mais concretamente a relação catequese e ensino religioso escolar na época e como o processo da descatequização se desenrolou.

No início desta fase, o ensino religioso escolar era catequese escolar. Nas escolas públicas eram oferecidos um ou mais cursos de Religião com o intuito de integrar na fé e educar na prática moral e sacramental os alunos. As igrejas cristãs dispunham de uma rede de escolas confessionais e tinham ainda o direito a cuidar pastoralmente as crianças e adolescentes nas escolas públicas. Durante as aulas de Religião não raras vezes eram celebrados atos litúrgicos e o professor de Religião era na maioria das vezes o sacerdote, o pastor evangélico ou catequista conforme os casos. O “programa dos cursos de Religião era constituído pelos clássicos conteúdos dos catecismos da Igreja a que pertencia”<sup>123</sup>.

Flavio Pajer, neste trajeto, lembra-nos que a metodologia da catequese tentava adquirir o direito de cidadania na escola fazendo-se valer dos mesmos princípios e técnicas da didática escolar. Esta metodologia valia-se dos recursos da pedagogia profana<sup>124</sup> para assim ser uma catequese em forma de verdadeira escola.

---

<sup>122</sup> Flavio Pajer, *Escuela y Religión en Europa*, 14.

<sup>123</sup> *Ibidem*, 16.

<sup>124</sup> Os recursos da pedagogia profana utilizados são por exemplo o Movimento da *Education Nouvelle* na Suíça e França, a *Escuela Activa* e o Método *Montessori* na Itália, *Manjón e Llorente* na Espanha, *Decroly* na Bélgica e *Munich* na Alemanha. Cf. *Ibidem*, 17.

Uma pequena incursão por alguns países europeus confirma o que anteriormente dissemos. Em Itália, o ensino da Religião Católica figurava em primeiro lugar nos registos escolares e os programas de Religião da escola secundária e superior tinham objetivos catequéticos. Na Alemanha, a tradição cristã e a evangélica não eram muito díspares. No primeiro caso o ensino religioso devia ser anúncio da fé tendo em vista a transmissão da vida cristã às novas gerações e, no outro, acentuava mais a questão bíblica e o ensino religioso era concebido como Igreja na escola. Em Espanha, a Religião integrava o sistema educativo a todos os níveis e com caráter obrigatório. Na Bélgica, o objetivo do estudo escolar da Religião era “Assegurar o aprofundamento e enriquecimento da vida de fé dos alunos”<sup>125</sup>. A Inglaterra tinha como currículo central o estudo da Religião cristã em que os conteúdos eram decididos com as autoridades religiosas, facto que existia desde 1944 aquando da reforma orgânica do sistema educativa aí efetuada. Nos países escandinavos, o programa escolar previa o estudo dos conteúdos bíblicos e éticos da Religião.

Flavio Pajer socorre-se de vários estudos e dá-nos conta da continuidade do ensino religioso escolar ser catequese escolar. A ação catequética da escola, que ao mesmo tempo complementa a família, deve aceitar ser uma colaboração com a Igreja, obedecer à sua disciplina e acolher as suas directrizes.<sup>126</sup>

Porém, começam a aparecer argumentos contra a junção do ensino religioso escolar e a catequese. É julgado com severidade o colapso que o período notável de catequese kerigmática tinha sofrido na escola.<sup>127</sup>

A Escola e a Igreja tinham a pretensão de ensinar, mas não conseguiram uma linguagem comum o que fez que uma instrumentalizasse a outra. Os alunos, não estando predispostos para a fé, mostravam-se cada vez mais desmotivados perante as exigências teológicas e éticas do ensino religioso escolar e as finalidades muito ambiciosas dos programas do ensino kerigmático da Religião não tinham em consideração a realidade.

Os pontos-chave do fracasso do ensino religioso escolar apontados são a liberdade dos adolescentes e jovens perante o anúncio e a opção livre de frequentar ou não a disciplina do ensino religioso escolar.<sup>128</sup>

O ensino religioso tradicional continuava influenciado pela herança da tradição cristã e pela entrada em crise da escola no que respeita aos seus rituais muitas vezes arcaicos, à impessoalidade e às suas linguagens formais e estereotipadas.

---

<sup>125</sup> Ibidem, 19.

<sup>126</sup> Cf. Flavio Pajer, *Escuela y Religión en Europa*, 20.

<sup>127</sup> Ibidem, 21.

<sup>128</sup> Cf. Flavio Pajer, *Escuela y Religión en Europa*, 22

No seio deste contexto, emergia uma mudança de paradigma. Vislumbra-se já a distinção entre ensino religioso escolar e catequese. Para o efeito contribuiu a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, o impacto do Catecismo Holandês em 1966, a renovação da linguagem escolar e da educação em que surgem as expressões como educação permanente, democratização da educação, criatividade e políticas educativas.

Acresce o desenvolvimento das ciências humanas como a psicologia, a sociologia a antropologia, que contribuíram para a renovação da pedagogia em geral e também da religiosa. Flavio Pajer cita Jean Piaget que antecipa mesmo as investigações sobre a psicologia do desenvolvimento cognitivo aplicada à Religião.<sup>129</sup>

Não podemos deixar de referir o contributo da filosofia que explorou os temas da relação interpessoal, do diálogo, da alteridade, da relação do ser humano com a transcendência.

Surge, na Alemanha, o projeto de um novo ensino religioso que assenta na investigação hermenêutica, na linguística e na didática simbólica. Teve como pretensão que o ensino religioso escolar (que no caso alemão era confessional) fosse entendido como um ensino informativo sobre as tradições religiosas e as religiões, sem qualquer vinculação a uma confissão cristã.

Apesar desta posição radical ter feito ressoar as vozes em desacordo da opinião pública e da autoridade eclesiástica, deixou marcas muito positivas na reflexão pedagógica – religiosa e catequética dos anos setenta; “ajudou a superar a conceção puramente doutrinal da catequese e reduziu-a à transmissão de um conhecimento religioso já constituído na teologia e na moral”<sup>130</sup>. Esta foi ainda um estímulo para os autores dos catecismos serem cuidadosos na linguagem e abriu caminho para um dinamismo novo da fé.

O modo de proceder do catequista e do professor de Religião consiste em “entrar no mundo daquele a quem se dirige”<sup>131</sup> tornando-se mais evidente a distinção entre catequese e ensino religioso escolar.

Surge um novo paradigma na pedagogia religiosa. O ensino religioso, com a sua didática concreta, afasta-se do saber teológico estruturado e concentra-se nas expectativas dos alunos. Intensificam-se a renovação das estruturas e dos programas para ir ao encontro de uma sociedade em rápida evolução.

A Escola entrava na lógica empresarial com definição de objetivos e planificação. O ensino religioso escolar abandonava os conteúdos estruturados e entrava numa ótica mais

---

<sup>129</sup> Cf. *Ibidem*, 23.

<sup>130</sup> Flavio Pajer, *Escuela y Religión en Europa*, 26.

<sup>131</sup> *Ibidem*, 27.

apetecível e até terapêutica para os alunos. Era uma disciplina de segunda e cada vez menos integrada numa escola de saberes.

A distinção entre ensino religioso escolar e catequese é mais evidente. Está aberta a porta para a fase da escolarização.

## *2.2. A escolarização*

Nos anos setenta e oitenta há um novo papel da Escola, esta deve ser o lugar de transmissão de competências e de cultura e não o espaço do imediato mas da aprendizagem. Esta perspectiva resulta das ideias lançadas pela UNESCO, em 1972, sobre a educação permanente de entre as quais estão a educação integral do ser humano, como um direito de todos a fim de proporcionar um amadurecimento na consciência crítica e ainda a possibilidade do sistema formativo ter em conta a educação nos diversos tempos.

Quando a Escola procura autonomia, mas educa substituindo a realidade pela abstracção e se afasta pedagogicamente da experiência direta torna-se uma Escola fora da atualidade.

Na mesma linha de pensamento, está o ensino religioso. Assim, a Escola deve interessar-se pela Religião enquanto conhecimento crítico e dinâmico mais do que apenas experiência pessoal, e tem como finalidade o amadurecimento da capacidade dos alunos em termos religiosos, não tendo necessariamente de aderir a uma confissão religiosa.

Não podemos confundir o ensino religioso escolar com a iniciação à fé “nem muito menos com proselitismo”<sup>132</sup>. O ensino religioso é chamado, como qualquer outra disciplina, a ter rigor científico e deve reconhecer o pluralismo das religiões bem como das outras disciplinas.

No que concerne ao ensino religioso escolar católico, este deve manter a visão do conhecimento como dom e descoberta e, neste sentido, a Religião beneficia da sua integração nos currículos escolares.

Nesta altura, a Escola pela sua natureza laica tem a função de educar e fomentar a capacidade crítica do aluno de modo que este possa ser capaz de entender o mundo; discernir toda a informação recebida pelos mais diversos canais; criar um pensamento ordenado e caminhar autonomamente.

A distinção entre catequese e ensino religioso escolar é cada vez mais desejada, e é no início dos anos setenta que se veem na Europa os primeiros grandes sinais.

---

<sup>132</sup> Ibidem, 34.

Flavio Pajer aponta-nos como exemplo deste pronúncio o documento base para a catequese e os catecismos que os bispos italianos publicaram em 1970; a Lei Geral de Educação publicada em Espanha, também em 1970, onde está prevista a conformidade dos novos programas do ensino religioso e a adoção de novos critérios de articulação de conteúdos; e a Declaração do Conselho da Igreja Evangélica Alemã, em 1971, acerca das questões do ensino religioso que pressupõe que este seja matéria ordinária e deve seguir os mesmos princípios reguladores dos outros saberes.

Começa assim a desenhar-se o novo perfil do ensino religioso, o da escolarização. Em 1971, foi já reivindicado num encontro científico realizado na Pontifícia Universidade Salesiana de Roma, “Na escola, o ensino da Religião deverá estar presente”<sup>133</sup>.

Deste modo, são essencialmente três os argumentos apontados nos debates das reformas educativas na Europa: o histórico-cultural, uma vez que o cristianismo na cultura ocidental é todo influente e os alunos não se podem privar deste conhecimento; o antropológico-pedagógico, na medida em que o ser humano se interroga sobre o sentido da vida e a escola é espaço de debate desta problemática; e o social, uma vez que os alunos devem ter a oportunidade de intentar um pensamento crítico.

Gradualmente a distinção entre catequese e ensino religioso escolar intensifica-se num maior número de países. São muitos os debates e reflexões acerca da questão, contudo esta “distinção entre o ensino e catequese tem resultado mais nos argumentos dos especialistas que na prática efetiva da aula”<sup>134</sup>.

A confessionalidade do ensino religioso escolar vai diminuindo e a legitimação do ensino religioso escolar é cada vez mais assunto em debate.

Repensar o carácter confessional dos chamados cursos de Religião não se mostrou fácil para as igrejas cristãs europeias, mas o impulso recebido da sociedade cada mais secularizada foi muito grande. Os sistemas concordatários existentes neste período, de Itália, Alemanha, Portugal, Espanha e Áustria, tinham na sua génese o carácter confessional e catequético do ensino religioso escolar. Justificavam a sua presença na escola em boa parte porque era à Igreja que competia o direito da educação religiosa dos seus fiéis e o Estado era apenas secundário neste processo.

Mas a necessidade do ensino religioso nos programas da escola pública sente-se cada vez mais, bem como o direito dos pais escolherem o tipo de educação dos seus filhos, posição também ela defendida pelos papas Paulo VI e João Paulo II.<sup>135</sup>

---

<sup>133</sup> Ibidem, 38.

<sup>134</sup> Ibidem, 42.

<sup>135</sup> Cf. Ibidem, 44.

Num passado mais recente, e após as alterações de alguns sistemas políticos na Europa, procedeu-se a uma revisão concordatária na qual a questão do ensino religioso escolar foi tida em consideração. Renegociaram-se as suas matérias e fizeram-se reformas escolares com novos acordos; “Em particular a portuguesa Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986 e o respetivo decreto aplicativo de 1989 consideram a EMRC (Educação Moral e Religiosa Católica) como matéria de opção na área curricular”<sup>136</sup>. Porém, o ensino religioso escolar com base nos regimes concordatários, embora tendo uma natureza confessional quanto aos conteúdos, não tem natureza catequética.

Olharmos o ensino religioso como disciplina curricular, leva-nos desde logo a mudanças em certas terminologias. Não podemos falar de um aluno como catequizando, mas de um aluno como cidadão, bem como de uma pedagogia catequética mas sim de uma didática própria duma escola com as suas regras e procedimentos definidos e que são comuns às outras áreas do saber.

O ensino religioso escolar praticado nos vários países europeus, sendo consentâneo com as reformas escolares dos mesmos, apresenta características de uma disciplina escolar: o enquadramento nas finalidades da escola; os professores são qualificados; os conteúdos confessionais não têm por objetivo a conversão e adotam metodologias de ensino-aprendizagem inerentes ao sistema educativo.

Todavia, nesta fase de escolarização do ensino religioso, Flavio Pajer interroga-se sobre o tipo de conhecimento e saber religioso propostos na disciplina de Religião na Escola, e agrupa “a vasta gama de ensino religioso em quatro tipos”<sup>137</sup>: o que é regulado apenas pela Igreja e que consegue impor a sua visão tradicional, e que apenas o consegue fazer numa sociedade aparentemente cristã, sendo assim uma instrução de base teológica; aquele que tem como instrução de base a Teologia e as Ciências da Religião e onde se tem em consideração a inculcação religiosa numa sociedade multicultural e multirreligiosa; aquele que se baseia apenas nas Ciências da Religião; e ainda aquele que se faz numa aproximação interdisciplinar ao facto religioso.

Nas zonas da Europa onde o ensino se baseia nas Ciências da Religião devido ao pluralismo evidenciado na sociedade e à imparcialidade do discurso religioso, de forma a respeitar as identidades religiosas dos alunos. Onde há apenas a aproximação ao facto religioso esta acontece noutras disciplinas escolares, não tem uma base teológica, e a interpretação dá-se na ótica das regras das disciplinas onde acontece.

---

<sup>136</sup> Flavio Pajer, *Escuela y Religión en Europa*, 46.

<sup>137</sup> *Ibidem*, 57.

### 2.3. *Diversidade religiosa*

Importa agora olharmos para os últimos vinte anos do caminho percorrido por Flavio Pajer.

Estamos perante acontecimentos marcantes que mudaram a Europa. Estes começaram com a queda do muro de Berlim em 1989 e conseqüente unificação da Alemanha, e com a dissolução da União Soviética. A Santa Sé em 1988, mais propriamente a Congregação para a Educação Católica, publica o documento *Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica – Orientações para a Reflexão e a Revisão* e, em 1991 acontece em Roma o I Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião.

A juntar a estes acontecimentos está também a mudança da população escolar que agora integra muitos emigrantes, oriundos da África e da Ásia, de culturas e religiões diferentes. Há todo um pluralismo étnico, cultural e religioso. Relevante também o ataque de 11 de setembro de 2001 que colocou os europeus mais despertos.

A Escola tem de adaptar-se. É-lhe pedido que cumpra a sua função e que seja espaço de mediação intercultural. A Europa nas suas escolas já não pode transmitir apenas o património próprio da sua história e da sua religião; tem assim o desafio de se abrir a novas culturas e novas religiões. Junta-se ainda o decréscimo dos fiéis cristãos e a indiferença religiosa dos jovens perante a herança dos valores dos pais e da sua busca de respostas fora da tradição dos mesmos.

Assim, nos sistemas educativos, está prevista a diversidade religiosa, veja-se o caso da Bélgica e da Espanha em que é possível optar por cursos confessionais diferentes. A flexibilidade dos sistemas educativos consegue mesmo antecipar-se a grupos minoritários nas suas reivindicações.

“O respeito do pluralismo religioso e das convicções não religiosas na escola pública chegam a ser objeto de debate político nos parlamentos nacionais e nos organismos europeus competentes na questão política educativa”<sup>138</sup>, embora nem a União Europeia nem os estados nacionais possuam competência direta em matéria religiosa.

Não há qualquer tipo de interferência entre o Estado e as questões internas das religiões. Há um claro princípio de laicidade que abarca a Europa. Os estados são autónomos e, por exemplo, em França há uma separação clara entre religiões e estado, mas também há países em que predomina a colaboração com os sistemas concordatários como acontece em Portugal.

---

<sup>138</sup> Ibidem, 72.

Contudo, não obsta que o Conselho da Europa, nomeadamente a partir do 11 de setembro e com todas as mudanças daí operadas se tenha preocupado e manifestado sobre o ensino religioso. Flavio Pajer faz referência às ligadas aos novos movimentos religiosos e seitas, a uma educação para a cidadania, à promoção do diálogo com os povos e as culturas, ao estudo do facto religioso e a uma sensibilização não confessional sobre o facto religioso.<sup>139</sup>

Flavio Pajer menciona o Organismo para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), que através do grupo especializado Advisor Council on Freedom of Religion and Belief publicou o documento *Toledo Guiding Principles on Teaching about Religions and Beliefs in Public Schools*, vulgarmente tratado como documento de Toledo que retrata um estudo sobre o ensino da religião levado a cabo na cidade de Toledo onde se reconhece a convivência de diversas religiões.

Este documento está indicado para os diferentes contextos dos sistemas educativos, dirige-se a todos os envolvidos com a escola, a família e a sociedade. Fala-nos do ensino - aprendizagem das religiões, mas tem a intenção de colocar no mesmo patamar a questão didática da fé em termos religiosos e em termos seculares.

Flavio Pajer aponta os seguintes pontos fulcrais do documento:

- presença de um ambiente que respeite os direitos humanos, as liberdades fundamentais e os valores civis;
- implicação das famílias e organizações religiosas na transmissão dos valores às gerações vindouras;
- preparação e implantação de currículos e formação de professores nas competências técnico-profissionais e pedagógicas;
- atenção aos conteúdos dos textos e recursos didáticos para evitar mensagens discriminatórias e estereotipadas;
- respeito pelos programas nas diversas manifestações do pluralismo religioso.<sup>140</sup>

De referir ainda que, em maio de 2008, o livro *Viver Juntos com Igual Dignidade* é aprovado pelo Comité dos ministros dos estados membros da União Europeia e tem por base o diálogo intercultural e também é fruto de investigações levadas a efeito em escolas e com as autoridades eclesiais.

O Estado serviu-se, em muitas situações, da escola para se fazer credível, do ensino religioso escolar para outorgar carácter de sacralidade ao património histórico. A Europa pautou-se por um pluralismo religioso de origem cristã - católicos, protestantes e ortodoxos -

---

<sup>139</sup> Cf. *Ibidem*, 76-79.

<sup>140</sup> Cf. *Ibidem*, 82.

mas as mudanças operadas alteram toda a fisionomia e passa-se para o pluralismo religioso, étnico, cultural e ético.

Estas alterações repercutem-se nas relações Estado – Igreja e são visíveis nas políticas educativas ao nível do ensino religioso escolar. Este tem de se fazer valer pela sua natureza disciplinar, a par das demais disciplinas como um dos saberes fundamentais e não apenas por ser uma religião maioritária, por estar consagrado o seu direito na Constituição e até mesmo pelos acordos concordatários.

A Escola tem de aceitar, e de forma muito realista, a pluralidade cultural e religiosa e deve potenciar nos alunos uma consciência tal que estes sejam capazes de enfrentar os problemas e reconhecerem que o religioso é indispensável à sua integração na comunidade e na vida.

#### *2.4. Tendências e perspectivas*

Não podemos deixar de referir as tendências e as perspectivas que Flavio Pajer nos apresenta ao finalizar o percurso entre os anos de 1960 a 2010.

A relação da Escola com a religião tem o impulso da mudança cultural. A evolução da compreensão da prática educativa em termos religiosos entende-se à luz de conceitos fundamentais como laicidade, religião e liberdade religiosa, que também sofreram evolução no seu significado. Laicidade que era compreendida como indiferença religiosa, passa a ser direito de conhecimento do facto religioso. Liberdade religiosa até então como possibilidade de crer ou não crer, evolui para garantia do crente ou não crente ter acesso aos factos e problemas religiosos. Religião como um fenómeno residual e irrelevante, evolui para algo fundamental.<sup>141</sup>

Porém, o ensino religioso está imbuído de transições que são recorrentes. Elas estão presentes no campo da didática religiosa e são heterogéneas.

Aprender estando dentro da religião, acerca da religião ou com a religião, são três posturas que se modelam conforme o ambiente cultural e a idade dos alunos.

Flavio Pajer termina este caminho reforçando o paradigma emergente do ensino religioso cuja base reside na procura de novas legitimações, uma vez que as existentes assentam numa Europa conjunto de países e não numa União Europeia. Foca a necessidade de a educação religiosa se voltar a projetar e não ficar presa apenas à intervenção nos currículos escolares. Alude que a pretensão de uma pedagogia religiosa europeia não significa uma

---

<sup>141</sup> Cf. Flavio Pajer, *Escuela y Religión en Europa*, 93.

homogeneização do ensino religioso, mas num estar atento às mudanças a nível social e educacional, saber ler de forma crítica e atuar.<sup>142</sup>

### 3. Síntese

Ao longo deste capítulo, num primeiro momento, vimos o percurso do ensino religioso escolar em Portugal e as sucessivas alterações que sofreu até chegarmos ao que é hoje a EMRC.

Acompanhamos de perto o estudo feito por Flavio Pajer sobre a Escola e a Religião na Europa ao longo dos últimos cinquenta anos. Decorre, em síntese, que as grandes mudanças que ocorreram na Europa influenciam quer a Escola quer a Religião e as três fases apresentadas são disso testemunho.

Num primeiro momento, vimos os acontecimentos mais marcantes na Europa: o ter vivido a 2ª Grande Guerra, os primeiros passos dados na criação do que é a União Europeia, as mudanças geográficas, culturais e éticas; a perda de capacidade da família e da escola na transmissão de valores e costumes, para depois analisarmos com mais detalhe cada uma das fases.

Na denominada fase da descatequização, constatámos que houve um grande esforço para a separação entre ensino religioso escolar e catequese. A Constituição Dogmática *Dei Verbum* aliada ao desenvolvimento das ciências humanas contribuiu para que tal distinção acontecesse.

Neste itinerário, a Escola assume novos papéis e não se pode confundir ensino religioso escolar com a iniciação à fé (âmbito da catequese). Um novo perfil do ensino religioso escolar é desejado e desenhado e a diminuição da confessionalidade deste é uma realidade. O caminho da escolarização está aberto e apresenta as mesmas características das demais disciplinas do saber existentes na Escola.

Constatámos ainda a grande diversidade religiosa na Europa e a preocupação dos diversos estados e da União Europeia na questão do ensino religioso escolar.

De facto, ao longo deste capítulo, conseguimos ver a necessidade, cada vez mais premente, da efetiva distinção entre catequese e ensino religioso escolar. Apesar de todas as transformações na Europa no ambiente escolar, o ensino religioso escolar continua a mostrar-se fundamental, mas não deve reduzir-se à sua intervenção nos currículos.

---

<sup>142</sup>Cf. Flavio Pajer, *Escuela y Religión en Europa*, 98.

## CAPÍTULO III- PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “ A IGREJA”

Colocamos agora em prática o conhecimento em contexto educativo, por isso importa toda a sua envolvência. É necessário pensar, planificar, elaborar recursos ou utilizar os já existentes e iniciar a prática; tendo sempre em consideração o meio, as estruturas físicas e essencialmente o grupo turma.

Neste capítulo, é apresentado a forma como se desenrolou a Prática de Ensino Supervisionada.

### 1. Contexto da Prática de Ensino Supervisionada

A planificação é considerada uma atividade prática que contribui para a organização e contextualização do processo ensino-aprendizagem que acontece ao nível da sala de aula.<sup>143</sup>

De forma que o exercício da sua função tenha o maior sucesso possível, o professor deve conhecer o meio, a turma, os alunos; de forma a adaptar a leção tanto aos objetivos como aos conteúdos.<sup>144</sup>

Neste sentido, importa agora conhecer alguns pressupostos inerentes à Prática de Ensino Supervisionada.

#### 1.1. O 1º ciclo do ensino básico (1º CEB)

É no seio do 1º CEB que se iniciam as aprendizagens académicas.<sup>145</sup> Nesta fase de ensino, as funções e competências cognitivas e sociais desenvolvem-se com base numa crescente capacidade de abstracção.<sup>146</sup>

A exemplo dos outros níveis de ensino, para que o processo de ensino aprendizagem seja eficaz. A disciplina é imprescindível, e o professor deve aplicar as técnicas que julgue mais eficazes para que a mesma seja uma realidade.

Ao nível da relação pedagógica, neste nível de ensino, esta depende muito da relação pessoal.<sup>147</sup>

---

<sup>143</sup> Cf. José Augusto Pacheco, *Currículo: Teoria e Práxis* (Porto: Porto Editora, 2001), 104.

<sup>144</sup> Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014* (Moscavide: Gráfica Almondina, 2014), 159.

<sup>145</sup> Cf. João Formosinho, *Educação para todos: O Ensino Primário: De ciclo único do ensino básico a ciclo intermédio da educação básica* (Lisboa: Ministério da Educação, 1998), 13.

<sup>146</sup> Cf. Carles Monereo Font, *Estratégias de Ensino e Aprendizagem* (Porto: Edições Asa, 2007), 180.

<sup>147</sup> Cf. Formosinho, *Educação para todos*, 13.

## 1.2 A criança do 1º CEB

A faixa etária da criança do 1º CEB oscila entre os 6 anos, com a entrada no 1ºano de escolaridade, e os 10-11 anos com a saída do 4ºano de escolaridade.

Ao longo da vida do indivíduo vão ocorrendo mudanças na sua estrutura, pensamento e comportamento, que resultam da interação dos fatores contextuais com os biológicos, e que se designa por desenvolvimento.<sup>148</sup>

A criança do 1º CEB tem um crescimento mais lento e progressivo, aperfeiçoa as capacidades já adquiridas; a sua estatura altera devido aos genes, à nutrição, à família, e mesmo à própria estrutura da sociedade;<sup>149</sup> no que ao desenvolvimento motor respeita.

Em termos de desenvolvimento cognitivo, a criança realiza tarefas novas que lhe possibilitam desenvolver o discurso, executar atividades mais práticas e desenvolve formas diferentes de convivência;<sup>150</sup> é o “estádio das operações intelectuais concretas (início da lógica) e dos sentimentos morais e sociais de cooperação”<sup>151</sup>.

Respeitante ao desenvolvimento moral, nesta fase, para a criança as regras são muito importantes, elas proporcionam-lhe segurança por parte de adulto, pese embora o facto de estas se irem flexibilizando,<sup>152</sup> deixam gradualmente de ser impostas para serem necessárias à convivência em comunidade de forma a alcançar determinados objectivos.<sup>153</sup> A criança passa de uma moral de coação para uma moral de cooperação.<sup>154</sup>

## 1.3. Caracterização do agrupamento de escolas

O Agrupamento de Escolas Carlos Amarante (AECA) foi constituído a 1 de abril de 2013, resulta da agregação do Agrupamento de Escolas de Gualtar com a Escola Secundária Carlos Amarante, que o Ministério da Educação e Ciência levou a cabo no âmbito do processo de reorganização da rede escolar pública.<sup>155</sup>

A sede é na Escola Secundária Carlos Amarante, escola que tem as suas raízes na Escola de Desenho Industrial criada por diploma régio em 11 de dezembro de 1884 e que foi

---

<sup>148</sup> Cf. José Tavares et al., *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem* (Porto: Porto Editora, 2007), 34.

<sup>149</sup> Cf. *Ibidem*, 58.

<sup>150</sup> Cf. Rute Reis, *Psicologia da criança e desenvolvimento: Fases do desenvolvimento da criança* (Lisboa: Instituto Monitor, 2000), 24.

<sup>151</sup> Jean Piaget, *Seis estudos de Psicologia* (Alfragide: Texto Editores, 2010), 16.

<sup>152</sup> Cf. António Ávilla, *Para conhecer a Psicologia da Religião* (São Paulo: Edições Loyola, 2007), 207.

<sup>153</sup> Cf. *Ibidem*, 203.

<sup>154</sup> Cf. *Ibidem*, 208.

<sup>155</sup> Cf. “Projeto Educativo”, Agrupamento de Escolas Carlos Amarante, acedido em 3 de janeiro de 2018, [http://www.aeca.edu.pt/images/Conselho\\_geral/PE\\_2015-2018.pdf](http://www.aeca.edu.pt/images/Conselho_geral/PE_2015-2018.pdf).

inaugurada em 1885 pelo rei D. Luís I. Ao longo dos anos foi sofrendo algumas alterações na sua designação e localização, tendo mesmo estado fundida com outras escolas. Em maio de 1958 foi inaugurado o edifício na atual localização (a comemorar 60 anos) e só com a unificação do ensino secundário, definida pelo Decreto-Lei 80/78 de 27 de abril recebe a atual designação de Escola Secundária Carlos Amarante.<sup>156</sup>

Tem uma grande diversidade de oferta educativa: integra todos os níveis de ensino, desde a educação pré-escolar ao secundário, ensino profissional e modalidades de educação de adultos sendo considerado referência no ensino secundário recorrente; conta com cerca de 3500 alunos.<sup>157</sup>

O agrupamento está disperso por uma área geográfica entre o centro urbano e o limite Este do concelho de Braga, que compreende as freguesias de Gualtar, União das Freguesias de Este (S. Pedro e S. Mamede), Espinho, Sobreposta e Pedralva.<sup>158</sup>

Olhando em concreto para a Escola Básica situada na freguesia de Espinho, designada habitualmente por EB1 de Espinho, conta com uma turma do ensino pré-escolar e duas turmas do ensino básico, conta com cerca de 41 alunos.<sup>159</sup>

#### *1.4. Caraterização da turma*

A Prática de Ensino Supervisionada foi realizada na Escola Básica de Espinho, na turma designada por ESP2 composta por 7 alunos do 3ºano e 6 do 4ºano, todos inscritos e a frequentar a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, sendo 4 do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Todos os alunos são oriundos da freguesia de Espinho, e estão bem integrados.

## **2. A Unidade Letiva “A Igreja”**

A Unidade Letiva 4 “A Igreja” integra-se no programa do 3ºano de escolaridade de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), que tem ainda as Unidades Letivas: 1 “A Dignidade das Crianças”, 2 “Ser Solidário” e a 3 “Diálogo com Deus”<sup>160</sup>.

As Metas Curriculares da Unidade Letiva são: Meta A - Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa -, e a Meta E – Identificar o núcleo central do

---

<sup>156</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>157</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>158</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>159</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>160</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*, 11.

cristianismo e do catolicismo; e tem como objetivos, perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade e descobrir a fé das comunidades cristãs respectivamente.<sup>161</sup>

### 3. Proposta de planificação e descrição da Unidade Letiva

Conhecer a planificação da Unidade Letiva é de extrema importância, por isso a seguir será apresentada a planificação elaborada para cada uma das seis aulas previstas.

#### 3.1. Aula 1 – Apresentação. Introdução à Unidade Letiva “A Igreja”<sup>162</sup>

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver
<b>SUMÁRIO:</b> Apresentação Introdução à unidade letiva “A Igreja”		
<b>A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b>	1. Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Igreja é:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus;</li> <li>- a família de Deus (universal e local)</li> </ul> </li> </ul>

Figura 1 – Metas, Objetivos e Conteúdos (extraídos grelha planificação aula nº1)

A aula inicia com o acolhimento seguido do registo do sumário. A professora saúda todos os alunos, os colegas Estagiários e o Professor Cooperante; faz a sua apresentação e segue-se a apresentação de cada um dos alunos da turma, onde cada um refere o seu nome, assim como os colegas Estagiários.

De seguida, a professora, lembra aos alunos as regras de participação e de utilização dos materiais (nomeadamente da caixa com material escolar que todos têm em cima da sua mesa); apresenta o rolo e explica que este servirá para a identificar cada aluno, distribui um rolo a cada aluno e convida-os a escrever o eu nome no rolo e a ilustrar os mesmos.



Figura 2 - Rolo papel cozinha

<sup>161</sup> Cf. Ibidem, 40.

<sup>162</sup> Ver Documento I – Planificação aula nº1.

Concluída a ilustração do rolo, os alunos colocam-nos à sua frente na mesa com o nome visível, e com uma base em forma de “berço” (cartão do rolo de papel higiénico) para que não se desloque, para fácil identificação. A professora inicia um diálogo com os alunos sobre a forma como decorreram as festividades do Natal, de seguida faz uma breve apresentação da unidade letiva onde foca essencialmente o nome da mesma “A Igreja” e explica que as seis aulas se irão desenrolar sobre esta temática.



Figura 3 - Rolo papel higiénico

Alude para a diferença entre igreja edifício e Igreja comunidade de pessoas.

Posteriormente, inicia uma chuva de ideias subordinada ao tema “O que nos torna felizes”, com o objetivo de descobrir que viver com os outros em comunhão é sinónimo de felicidade, durante o qual a professora regista no quadro as respostas dos alunos. No fim da chuva de ideias a professora faz uma síntese com todas as palavras referidas pelos alunos e escritas no quadro encaminhando a mesma para o tema da Unidade Letiva. Depois, convida um aluno para ajudar a arrumar os rolos identificativos, despede-se depois dos alunos e pede que saiam de forma ordenada da sala de aula.

### 3.2. Aula 2 – A Igreja, uma assembleia de crentes<sup>163</sup>

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver
<b>SUMÁRIO:</b> A Igreja, uma assembleia de crentes.		
<b>B. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b>	2. Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Igreja é: <ul style="list-style-type: none"> <li>- a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus;</li> <li>- a família de Deus (universal e local)</li> </ul> </li> </ul>

Figura 4 – Metas, Objetivos e Conteúdos (extraídos grelha planificação aula nº2)

A professora inicia a aula com o acolhimento, onde relembra as regras da sala de aula nomeadamente a participação, responsabilidade e a questão da caixa de materiais que está

<sup>163</sup> Ver Documento IV – Planificação aula nº2.

colocada em cima das mesas. De seguida faz o registo do sumário no quadro. Convida um novo aluno para distribuir os rolos identificativos. Prossegue com uma retrospectiva da aula anterior, onde são lembradas, pelos alunos e pela professora, as palavras da chuva de ideias.

De seguida, a professora projeta a letra da canção “Fazer comunidade” e juntamente com os alunos cria os gestos para acompanhar a mesma; é realizado um primeiro ensaio e depois todos cantam acompanhando com os gestos.

Posteriormente, inicia o diálogo com os alunos sobre as palavras que acham mais importantes da letra da canção para descobrirem que a palavra comunidade é a mais importante. A professora pede para explicarem o seu significado, no entanto o objetivo é introduzir a palavra assembleia para depois explicar o conceito de assembleia de crentes.

Após o diálogo, distribui aos alunos a ficha de trabalho<sup>164</sup> e convida-os a realizá-la.

Terminada a realização da ficha de trabalho, a professora recolhe-as e pede aos alunos que arrumem o material utilizado, faz uma síntese das palavras contidas na ficha e dá maior destaque às palavras *assembleia* e *crentes*; chama de novo o aluno para guardar para arrumar os rolos identificativos, despede-se dos alunos e pedem que saiam de forma ordenada da sala de aula.

### 3.3. Aula 3 – A comunidade dos crentes em Jesus Cristo. O símbolo do cristianismo<sup>165</sup>

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver
<b>SUMÁRIO:</b> A comunidade dos crentes em Jesus Cristo. O símbolo do cristianismo.		
<b>C. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b>	3. Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Igreja é:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus;</li> <li>- a família de Deus (universal e local)</li> </ul> </li> </ul>

Figura 5 – Metas, Objetivos e Conteúdos (extraídos grelha planificação aula nº3)

A aula inicia com o acolhimento, onde a professora pede aos alunos que retirem de cima das mesas a caixa com o material escolar de modo que estas fiquem desocupadas; segue

<sup>164</sup> Ver Documento V – Ficha de Trabalho.

<sup>165</sup> Ver Documento VI – Planificação aula nº3.

com o registo do sumário no quadro. Convida um aluno novo para distribuir os rolos identificativos.

Faz uma retrospectiva da aula anterior, retoma a canção “Fazer comunidade” convida os alunos a fazer de novos os gestos criados para em seguida todos cantarem acompanhando com os gestos.

A professora, provoca o diálogo com os alunos para recuperar as palavras comunidade (como a mais importante da canção), casa, grupo e assembleia; dá ênfase à Igreja como assembleia de crentes.

É lançado o desafio da descoberta do símbolo do cristianismo, por isso a professora entrega a cada aluno, e aos colegas estagiários que também convida a participar na dinâmica, uma folha de papel do tamanho A4 de diversas cores. Antes de iniciar toda a dinâmica pede que sigam com muita atenção todos os passos que a professora concretiza, qualquer dificuldade que tenham peçam ajuda à mesma, e que não coloquem no lixo qualquer sobra de papel pois este irá ser recolhido para utilização posterior e assim estão a cuidar da casa comum de todos.

Inicia a dinâmica explicando que cada folha representa uma pessoa e que as cores diferentes se devem ao facto de as pessoas serem todas diferentes; então como pessoas por vezes há dificuldades que surgem e por isso se fazem alguns sacrifícios e como sinal desses sacrifícios convida os alunos a dobrarem a folha ao meio, mas continua explicando que apesar de pessoas diferentes também temos algumas coisas em comum; nesta altura a professora começa a dobrar a folha e constrói um chapéu. Explica que nada melhor que um chapéu para demonstrar o que há em comum nas pessoas pois este simboliza festa, reunião de pessoas, e numa festa normalmente estão pessoas que têm algo em comum. Interroga depois os alunos se conhecem outras palavras relacionadas com as palavras comum e festa, com o intuito de os alunos mencionarem a palavra Igreja e comunidade, uma vez referidas, constrói novamente um chapéu e explica que também em Igreja se faz festa e se vive em comunidade. Conforme vai dobrando o chapéu, a professora questiona os alunos sobre o significado da palavra comunidade e o que significa viver em comunidade, uma vez que já foi afirmado que em Igreja se vive em comunidade; descubrem que construiram um barco.

Com o barco já construído, é explicado que um barco simboliza viagem, que se pode fazer caminho, que este representa a caminhada na e da Igreja. De seguida, a professora, convida a pensarem em três coisas negativas que podem afetar a viagem na e da Igreja e pede que cortem essas três coisas que pensaram. Após cortarem as pontas e a proa do barco, pede que abram e descubrem uma camisola que simboliza que em Igreja todos vestem/devem vestir a mesma camisola; prossegue o diálogo focando a importância de a Igreja ser uma assembleia

de crentes que vive em comunidade mas deve estar unida e que existe. Ao mesmo tempo que abre a camisola e se descobre a cruz explica que a mesma é o símbolo do Cristianismo.

Após a dinâmica, a professora pede ao aluno que guarde os rolos identificativos, despede-se dos alunos e solicita que saiam em ordem da sala de aula.

### 3.4. Aula 4 – A vida do dia a dia dos cristãos <sup>166</sup>

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver
<b>SUMÁRIO:</b> A vida do dia a dia dos cristãos.		
<p><b>D. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b></p> <p><b>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo</b></p>	<p>4. Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade</p> <p>5. Descobrir a fé das comunidades cristãs.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Igreja é:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus;</li> <li>- a família de Deus (universal e local)</li> </ul> </li> <li>• As comunidades dos cristãos vivem a fé através de:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- celebrações comunitárias</li> <li>- testemunho e anúncio</li> <li>- prática da caridade</li> <li>- comunhão entre os seus membros.</li> </ul> </li> </ul>

Figura 6 – Metas, Objetivos e Conteúdos (extraídos grelha planificação aula nº4)

A professora inicia a aula com o acolhimento, onde relembra as regras da sala de aula nomeadamente a participação, responsabilidade e a questão da caixa de materiais que está colocada em cima das mesas, de seguida faz o registo do sumário no quadro. Convida um novo aluno para distribuir os rolos identificativos.

Convida os alunos para um jogo de descontração denominado “Eu vi um leão” onde os alunos todos de pé seguem os gestos, as questões e as ordens da professora que comanda o jogo; no fim do mesmo pede aos alunos que se sentem nos seus lugares. Inicia uma retrospectiva da aula anterior incidindo na dinâmica da descoberta da Cruz – o símbolo do cristianismo. Solicita silêncio e lê a história “Aos domingos”, <sup>167</sup> refere que a autora da história é a jornalista e escritora Alice Vieira, que também escreve histórias infantis e únicas, como é o caso desta. Pergunta aos alunos de que fala a história e o que acharam mais importante na mesma.

<sup>166</sup> Ver Documento VII – Planificação aula nº4.

<sup>167</sup> Cf. Ana Maria Landeiro et al., *O Grão de Trigo - Manual do Aluno – Educação Moral e Religiosa Católica – 3ºano*, ed. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã (Moscavide: Gráfica Almondina, 2010), 133-135.

Posteriormente, distribui uma folha branca tamanho A4<sup>168</sup> e pede aos alunos que façam um desenho livre sobre a mensagem apreendida por cada um.

Para finalizar apresenta um vídeo, <https://www.powtoon.com/my-powtoons/#/>, elaborado para o efeito, com a síntese da aula; pede ao aluno que recolha os rolos identificativos, despede-se dos alunos e solicita a saída de forma ordenada.

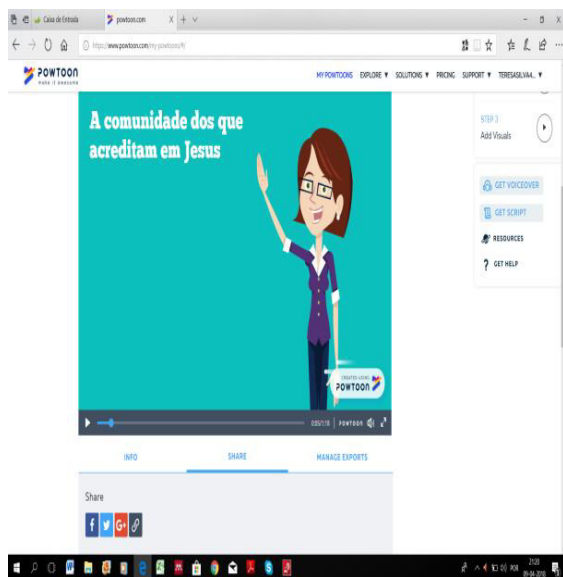


Figura 7 - Slide extraído do vídeo

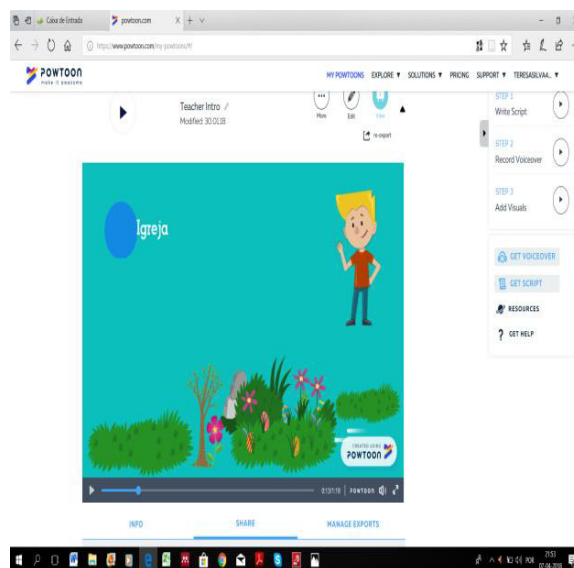


Figura 8 - Slide extraído do vídeo

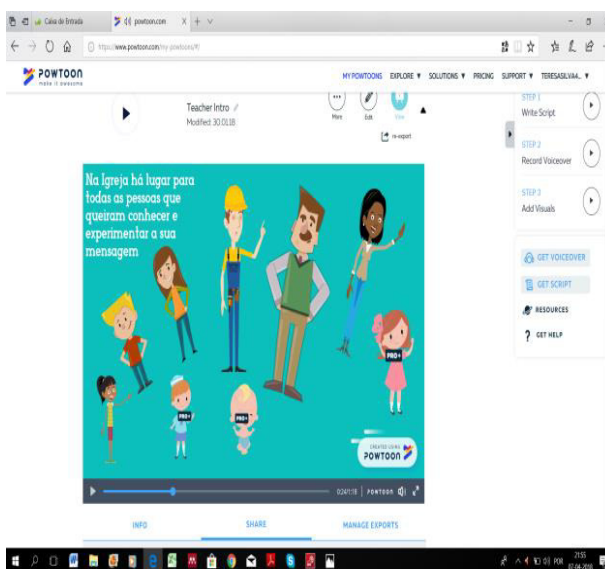


Figura 9 - Slide extraído do vídeo

<sup>168</sup> Ver Documento VIII – Ficha de Trabalho.

### 3.5. Aula 5 – Dons e tarefas dos cristãos <sup>169</sup>

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver
<b>SUMÁRIO:</b> Dons e tarefas dos cristãos.		
<p><b>E. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b></p> <p><b>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo</b></p>	<p>6. Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade</p> <p>7. Descobrir a fé das comunidades cristãs.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Igreja é:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus;</li> <li>- a família de Deus (universal e local)</li> </ul> </li> <li>• As comunidades dos cristãos vivem a fé através de:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- celebrações comunitárias</li> <li>- testemunho e anúncio</li> <li>- prática da caridade</li> <li>- comunhão entre os seus membros.</li> </ul> </li> <li>• Cada um dos seus membros tem um lugar e um serviço na Igreja.</li> </ul>

Figura 10 – Metas, Objetivos e Conteúdos (extraídos grelha planificação aula nº5)

A professora dá início à aula acolhendo os alunos e de seguida regista o sumário no quadro. Pede a um outro aluno que distribua os rolos identificativos.

Logo após, convida os alunos a visualizar o vídeo com que terminaram a aula anterior e socorre-se do mesmo para fazer a retrospectiva da mesma, provocando o diálogo com os alunos.

Inicia a dinâmica “Jogo dos Talentos”, dizendo que tem uma surpresa para os alunos, mostra uma caixa presente e pergunta quem quer receber o presente; realiza um sorteio para saber definir qual o aluno que recebe o presente. Uma vez sorteado e entregue o presente, a professora introduz o conceito de talento com o objetivo de os alunos entenderem que os talentos devem ser partilhados e colocados ao serviço dos outros. Convida o aluno que recebeu o presente que o compara a um talento a partilhá-lo com outro e assim o presente/talento passa de aluno para aluno, nesta passagem de mão em mão a professora chama a atenção que todas as pessoas têm talentos e que em Igreja também assim acontece; por isso os talentos devem estar ao serviço dos outros e que todos têm lugar na mesma e algo para fazer.

De seguida, os alunos são convidados a realizar uma ficha de trabalho onde depois de realizada descobrem a frase “Na Igreja todos têm um lugar e uma tarefa”<sup>170</sup>. Terminada a ficha a professora pede aos alunos que arrumem as suas mesas, pede ao aluno encarregue dos

<sup>169</sup> Ver Documento IX – Planificação aula nº5.

<sup>170</sup> Ver Documento X – Ficha de Trabalho.

rolos identificativos que os recolha, e convida-os a partilharem o talento da Alegria e para isso realizam o jogo “Eu tinha um tique” no qual à medida que se fazem os gestos se soltam gargalhadas.

Para finalizar, a professora despede-se dos alunos, diz para saírem de forma ordeira da sala de aula, coloca-se à porta e distribui um presente a cada aluno igual ao utilizado no jogo da dinâmica dos talentos.

### 3.6. Aula 6 – Construção de um edifício igreja. Jogo avaliação sobre a Unidade Letiva <sup>171</sup>

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver
<b>SUMÁRIO:</b> Construção de um edifício Igreja. Jogo avaliação sobre a Unidade Letiva.		
<p><b>F. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b></p> <p><b>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo</b></p>	<p>8. Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade</p> <p>9. Descobrir a fé das comunidades cristãs.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Igreja é:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus;</li> <li>- a família de Deus (universal e local)</li> </ul> </li> <li>• As comunidades dos cristãos vivem a fé através de:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- celebrações comunitárias</li> <li>- testemunho e anúncio</li> <li>- prática da caridade</li> <li>- comunhão entre os seus membros.</li> </ul> </li> <li>• Cada um dos seus membros tem um lugar e um serviço na Igreja.</li> </ul>

Figura 11 – Metas, Objetivos e Conteúdos (extraídos grelha planificação aula nº6)

A aula inicia com o acolhimento aos alunos e posterior registo do sumário no quadro.

A professora dialoga com os alunos sobre como decorreram as férias do Carnaval e faz uma retrospectiva da aula anterior. Recorda aos alunos que é a última aula da unidade letiva, que irão construir um edifício igreja com os rolos identificativos e com os restos do papel da atividade da descoberta do símbolo do cristianismo. Convida dois alunos a colocar os rolos identificativos apenas em cima de uma mesa, a reunirem-se todos os alunos à volta da mesma e em conjunto constroem a igreja edifício, para o efeito usam fita cola (com cola dos dois lados).

Terminada a construção colocam a mesma numa mesa ao lado, a professora pede que se sentem e distribui um cartão por cada aluno e esclarece que a avaliação da unidade letiva

<sup>171</sup> Ver Documento XI – Planificação aula nº6.

irá ser feita através de um jogo<sup>172</sup> utilizando o software *Plickers*, que a avaliação é individual e que devem manter-se em silêncio e pensarem nas repostas a dar. Explica todas as regras do jogo e exemplifica como se joga. No fim do jogo mostra a avaliação obtida por cada aluno.

Ao finalizar a professora, despede-se dos alunos, coloca-se à porta da sala e distribui uma lembrança alusiva à unidade letiva.

#### **4. Avaliação da lecionação**

Após o aprofundamento do tema a trabalhar, da planificação e da lecionação, urge uma avaliação. Avaliar é sempre importante para qualquer atividade que se desenvolva e muito mais quando se está perante uma prática pedagógica. É importante o professor olhar para si mesmo, refletir sobre como agiu, como escolheu. Entender onde residem os seus pontos fortes e os seus pontos fracos de forma a desenvolver sempre um bom trabalho. Por isso, o foco está na avaliação do desempenho no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada.

A lecionação da unidade letiva decorreu em seis tempos letivos de sessenta minutos cada, com início no dia nove de janeiro de 2018 e fim no dia vinte de fevereiro de 2018 entre as nove e dez horas, horário de EMRC habitual da turma. Todas as aulas foram observadas pelo professor cooperante Dr. João Nogueira e pelos colegas estagiários do núcleo de estágio do Agrupamento de Escolas Carlos Amarante.

Salienta-se que as aulas obedeceram quase sempre a uma mesma estrutura, não estanque, como sendo o acolhimento, registo do sumário, retrospectiva da aula anterior, a exposição do tema, realização de atividades com o objetivo de consolidar conhecimentos. Todos os recursos utilizados foram originalmente elaborados pela professora, sendo que o do rolo identificativo foi elaborado na primeira aula e acompanhou toda a lecionação. Os recursos foram variados e diversificados como sendo o vídeo, canção, jogos, recurso ao software *plickers*, técnicas de construção em papel.

No seu cômputo geral, os alunos demonstraram grande interesse pelo tema, foram muito participativos e empenhados na realização de todas as tarefas propostas. Ressalva-se ainda, que a estratégia de em cada aula serem alunos diferentes a distribuírem o rolo identificativo foi pelos alunos muito bem aceite e criou um sentido de responsabilidade ainda maior nos mesmos.

A primeira aula decorreu no dia nove de janeiro de 2018, onde além da apresentação se fez também uma breve apresentação da unidade letiva, e uma chuva de ideias com o objetivo de perceber que viver em comunhão é sinónimo de felicidade.

---

<sup>172</sup> Ver Documento XII – Questões do jogo.

A aula iniciou-se com a apresentação, a professora apresentou-se dizendo o seu nome bem como cada um dos alunos, e ainda os colegas Estagiários. Foram lembradas as regras de participação e de utilização dos materiais com destaque para a caixa que os alunos possuem em cima da sua mesa. A professora distribuiu os rolos, pediu que cada aluno escrevesse o seu

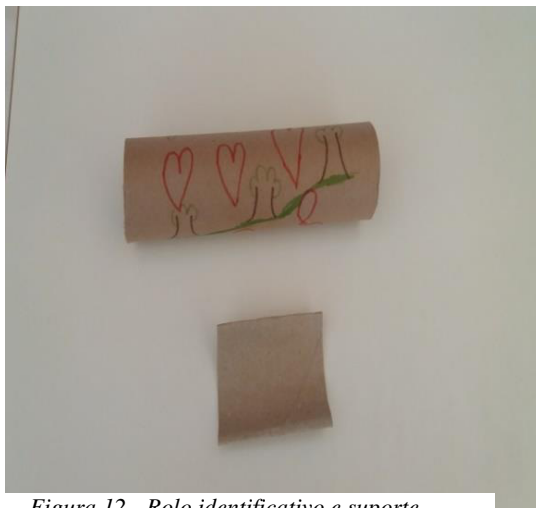


Figura 12 - Rolo identificativo e suporte



Figura 13 - Rolo identificativo colocado no suporte

nome e o decorasse a gosto. Após a sua conclusão foi distribuído um rolo de cartão do papel higiênico dobrado em forma de berço que serviu de suporte ao rolo identificativo; e os alunos colocaram os rolos na mesa à sua frente para serem identificados pelo seu nome.

Iniciou-se um diálogo sobre como viveram as festividades do Natal, que serviu de mote para fazer uma breve apresentação da Unidade Letiva “A Igreja”, foi vincada a diferença entre igreja edifício e Igreja comunidade de pessoas, sendo que os alunos facilmente apreenderam a diferença. Seguiu-se uma chuva de ideias com o tema “O que nos torna felizes”. Todos os alunos participaram sendo que aqueles que se mostraram mais tímidos e não tomaram a iniciativa de participar foram interpelados à participação à qual responderam. Nesta chuva de ideias um aluno fala em “casa comum” e este conceito é aproveitado para fazer a síntese da aula, a mesma terminou com a explicação de que a Igreja é também uma casa comum onde todos têm lugar, que deve ser uma casa de comunhão.

Por fim foi convidado um aluno para ser ele o “aluno ajudante” e arrumou os rolos identificativos no armário. A professora despediu-se depois dos alunos e alertou-os para que a saída da sala de aula decorresse de forma organizada e silenciosa o qual se verificou.

Na segunda aula, que decorreu no dia dezasseis de janeiro de 2018, logo após o acolhimento foram lembradas as regras da sala de aula com enfoque na participação, responsabilidade e na questão da caixa dos materiais que está coloca em cima de cada mesa, e de seguida foi escrito o sumário no quadro. Foi convidado um novo “aluno ajudante” que distribuiu os rolos identificativos. Foi realizada uma retrospectiva da aula anterior onde foram retomadas as palavras da chuva de ideias: igreja, comunhão, escola, casa comum e grupo.



Foi lançado o desafio da descoberta do símbolo do cristianismo e para a dinâmica foram distribuídas folhas de diversas cores em tamanho A4, foi pedido a todos os alunos que seguissem as instruções e passos da professora. Iniciou-se a dinâmica e foi explicado que cada folha representava uma pessoa e que as cores diferentes significavam que as pessoas também eram todas diferentes, e que como pessoas por vezes há dificuldades que se precisam ultrapassar e convidou todos a dobrarem a folha ao meio.

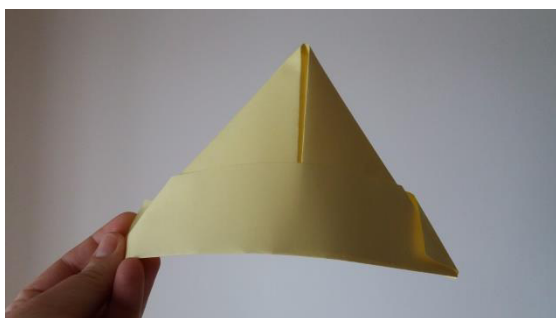


Figura 16 - 2ª fase construção símbolo cristianismo

Continuou explicando que apesar das diferenças há coisas em comum. Iniciou a construção do chapéu e ressaltou que nada melhor que um chapéu para demonstrar o que há em comum nas pessoas pois este simboliza festa, reunião de pessoas e numa festa estão normalmente pessoas que têm algo em comum. Interrogou depois os alunos se conheciam

outras palavras relacionadas com comum e festa e estes mencionaram a Igreja e comunidade e a professora construiu um chapéu mais pequeno e salientou que na Igreja se faz festa e vive em comunidade. Continuou a dobrar o chapéu

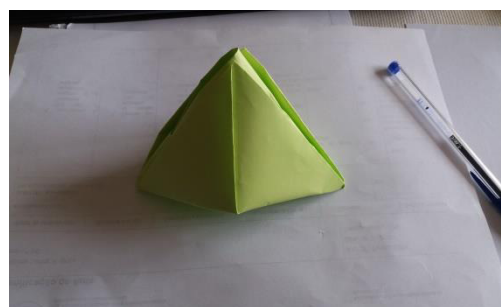


Figura 17 - 3ª fase construção símbolo cristianismo

enquanto questionava os alunos sobre o significado de comunidade e o viver em comunidade e disse que nas aulas já tinha sido afirmado que na Igreja se vivia em comunidade; e foi construído um barco.



Figura 18 - 4ª fase construção símbolo cristianismo

Após a construção do barco, foi explicado que o mesmo simbolizava viagem, um caminho a percorrer; que o barco representava a caminhada na e da Igreja. Convidou a pensarem em três coisas negativas que podiam afetar a viagem na e da Igreja, pediu para cortarem as pontas e a proa do



Figura 19 - 5ª fase construção símbolo cristianismo barco



Figura 20 - 4ª fase construção símbolo cristianismo

barco (uma de cada vez) e pediu para não colocarem nada no lixo pois os restos serão para reutilizar. Com as pontas do barco já cortadas, pediu aos alunos que o abrissem e descobriram uma camisola que simboliza que em Igreja todos vestem/devem vestir a mesma camisola, para perceberem melhor foi utilizada a comparação com uma equipa. O diálogo prosseguiu dando-se importância ao facto de a Igreja ser assembleia de crentes e que vive em comunidade e que se deve manter unida e ao mesmo tempo abriu-se a camisola e surgiu uma cruz, foi explicado que esta é o símbolo do Cristianismo.

Figura 19 - 5ª fase construção símbolo cristianismo



Figura 21 – Cruz - símbolo do cristianismo

Concluída a dinâmica, foi convidado novo “aluno ajudante” que guardou os rolos identificativos e a professora despediu-se dos alunos e pediu que saíssem de forma organizada.

A aula número quatro decorreu no dia trinta de janeiro de 2018, iniciou com o acolhimento seguido do registo do sumário no quadro. Foi convidado um novo “aluno ajudante” que distribuiu os rolos identificativos.

Os alunos foram convidados a realizarem um jogo de descontração denominado “Eu vi um leão”, todos participaram de uma forma animada e alegre. Foi pedido aos alunos que retomassem os seus lugares e iniciou-se uma retrospectiva da aula anterior onde se incidiu na dinâmica onde foi descoberto o símbolo do Cristianismo - a cruz. Pediu-se silêncio e foi contada a história “Aos domingos” que os alunos escutaram com muita atenção, foram informados os alunos que a autora da história era a escritora e jornalista Alice Vieira, que

também escrevia histórias infantis e únicas como a que foi contada. Foi perguntado depois aos alunos de que falava a história e o que era mais importante na mesma.

De seguida, foi distribuída uma folha branca tamanho A4 e pedido aos alunos que desenhassem o que apreenderam da história, qual a mensagem que retiravam da mesma.

Por último foi apresentado um vídeo<sup>173</sup>, elaborado para o efeito, com a síntese da aula, foi pedido ao novo “aluno ajudante” para recolher os rolos identificativos. A professora despediu-se dos alunos e convidou-



Figura 22 – Ficha de Trabalho

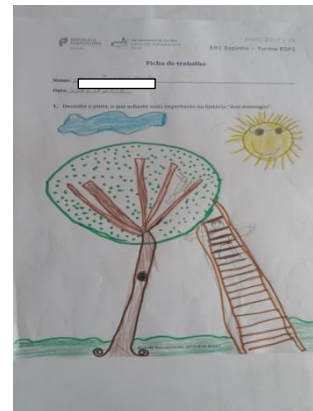


Figura 23 – Ficha de Trabalho

os a sair de forma organizada.

A aula número cinco decorreu no dia seis de fevereiro de 2018 e iniciou com o acolhimento seguido do registo do sumário no quadro.

A professora pediu a um novo “aluno ajudante” para distribuir os rolos identificativos, logo após convidou os alunos a visualizarem o vídeo da aula anterior, e socorreu-se do mesmo para fazer a retrospectiva da mesma.

Iniciou-se a dinâmica “Jogo dos talentos” onde a professora disse que tinha uma surpresa para os alunos e apresentou uma caixa presente e perguntou quem queria receber o presente, todos afirmaram que queriam, e foi feito um sorteio para definir quem receberia o presente. Uma vez sorteado e entregue o presente, a professora introduziu o conceito de talento e dialogou com os alunos sobre a importância da partilha dos talentos, destes estarem ao serviço dos outros.



Figura 24 – Caixa presente

Convidou o aluno que recebeu o presente, que o comparou a um talento, a partilhá-lo com os outros e assim o presente/talento passou de mão em mão, nesta passagem foi chamada a atenção que todas as pessoas têm talentos e que em Igreja também assim acontece e por isso estes devem estar ao serviço dos outros, que todos na Igreja também têm

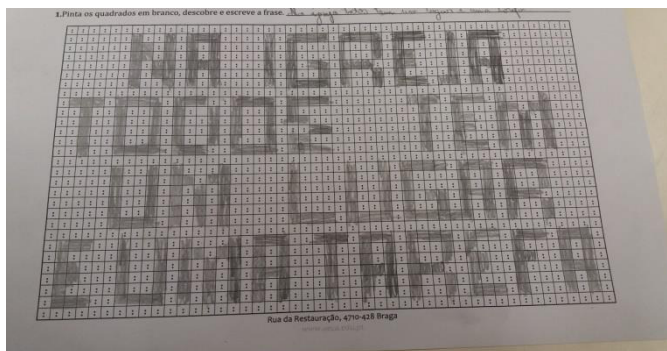


Figura 25 – Presente - talento

<sup>173</sup> Ver Documento XV.

um lugar e algo para fazer.

De seguida, os alunos foram convidados a realizar uma ficha de trabalho onde depois de terminada descobriram a frase "Na Igreja todos têm um lugar e uma tarefa". A professora pediu aos alunos que



arrumassem os seus materiais e ao "aluno ajudante" que guardasse os rolos identificativos.

Por fim, todos foram convidados a partilhar o talento da alegria através do jogo "Eu tinha um tique" e a participação foi muito efusiva. A professora despediu-se dos alunos, disse para saírem de forma ordeira, colocou-se à porta da sala e distribuiu um presente a cada aluno igual ao que foi utilizado na dinâmica dos talentos.



Figura 27 – Presente - talentos

A aula seis, e última, decorreu no dia vinte de fevereiro de 2018, iniciou-se com o acolhimento aos alunos e registo do sumário no quadro.



Figura 28 – Edifício igreja

A professora dialogou com os alunos sobre como tinham decorrido as férias de Carnaval e fez uma retrospectiva da aula anterior. Recordou aos alunos que estavam na última aula da Unidade Letiva e que naquela aula iam construir um edifício igreja utilizando os rolos identificativos, os suportes e os restos do papel da atividade da descoberta do símbolo do Cristianismo. Convidou dois alunos a colocarem todos os rolos identificativos apenas numa mesa e todos os alunos se reuniram à volta da mesma e construíram a igreja; os alunos mostraram-se muito empenhados e colaborativos, e no fim colocaram a construção em exposição na sala de aula.

Foi pedido aos alunos para retomassem os seus lugares e foi-lhes distribuído um cartão a cada um e estes

foram esclarecidos que a avaliação da Unidade Letiva se iria efetuar através de um jogo, foram clarificadas as regras do mesmo e feita uma demonstração. Após a realização do jogo os alunos foram informados dos resultados obtidos por cada um.

Por fim, a professora despediu-se dos alunos, colocou-se à porta e distribuiu uma lembrança a cada aluno alusiva à Unidade Letiva.



*Figura 29 – Lembrança Unidade Letiva*



*Figura 30 - Lembrança*

Ao terminar esta etapa da lecionação e sua retrospectiva importa uma reflexão sobre a mesma. O caminho percorrido foi um pequeno passo na grande caminhada que há para fazer.

A planificação é essencial à lecionação. Além de toda a estruturação das aulas com os objetivos e conteúdos a desenvolver, revela-se indispensável na previsão de possíveis dificuldades bem como de antecipação de soluções.

Ao longo deste caminho foram ultrapassadas dificuldades surgidas e inerentes a qualquer atividade letiva, de imediato a professora procurou estratégias de forma a colmatar as mesmas.

Foi usada linguagem científica e teológica clara e rigorosa, mas acessível ao nível de ensino, tendo sempre como foco os alunos e que os mesmos se apropriassem dos conteúdos.

De um modo geral, a gestão do tempo e do espaço foram os adequados.

Os recursos didáticos foram diversificados, originais e todos criados de raiz pela professora para a lecionação da Unidade Letiva e mostraram-se muito eficazes ao longo da mesma.

Os alunos demonstraram muito interesse e foram participativos, contudo aqueles alunos que pela sua timidez não tomaram a iniciativa de participar, foram de uma forma muito discreta questionados diretamente pela professora a fim de que todos os alunos participassem.

Existiu ainda uma colaboração muito estreita e salutar com o Professor Cooperante Dr. João Nogueira na avaliação sumativa dos alunos e registo da mesma nos documentos em vigor no Agrupamento de Escolas Dr. Carlos Amarante.

Esta prática permitiu ainda uma noção muito mais clara dos pontos fortes e fracos; e que foi percorrido apenas um pequenino caminho.

Este percurso não é o fim. Foi uma pequenina semente lançada à terra, que para dar fruto terá de ser cuidada. O cuidado começa agora.

## CONCLUSÃO

Ao finalizar este trabalho é tempo de uma reflexão final.

O mote para o presente Relatório no contexto da Prática de Ensino Supervisionada foi a Unidade Letiva 4 “A Igreja”, do 3ºano de escolaridade de acordo com o programa de EMRC.

A interpelante questão “Igreja que dizes de ti mesma?” continua a ser colocada por cristãos e não cristãos de forma mais ou menos clara.

Compreendermos a Igreja a partir de si mesma é determinante para a sua vitalidade, para a sua missão evangelizadora e para a sua organização; tendo sempre presente que a Igreja fundada por Jesus Cristo e a Ele unida está presente no mundo e para o mundo.

Porém, a Igreja não precisa arquitetar a sua visão, porque esta está no Evangelho. Mas perante o mundo em constante mutação, perante novas situações e desafios, ela tem de discernir os sinais dos tempos. Tem de redescobrir e aprofundar a sua visão em cada tempo e em cada lugar.

As características da sociedade de hoje, a falta de tempo, as exigências competitivas da profissão, a confusão entre o ser, o ter e o parecer, são uma dificuldade para a Igreja; há mesmo um notório enfraquecimento da consciência eclesial. Mas, ao mesmo tempo são um desafio, na medida em que potenciam uma maior perseverança no compromisso.

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja é redescoberta e apresentada como mistério de comunhão de Deus com os homens e destes entre si. Renasce a consciência da Igreja povo de Deus, há o despertar de um novo caminho.

Todos os batizados são chamados a viver o tríplice múnus de Cristo, sacerdote, profeta e rei. Apesar da diversidade de dons, carismas e ministérios, há uma corresponsabilidade que interpela todos os batizados a realizar o mandato de Jesus Cristo de ir e ensinar.

As duas propostas, catequese e EMRC que apresentamos, são exemplo da concretização do referido mandato.

Do estudo das mesmas, percebemos que têm finalidades diferentes, são diferentes mas complementares; por isso a opção não deve ser uma em detrimento da outra. Concluimos que ambas são edificantes na construção de uma consciência livre, madura e responsável; motivam para as melhores escolhas ou opções de vida.

Porém, pela análise da evolução do ensino escolar da religião, verificamos que a problemática, nomeadamente a confusão com a catequese, é transversal a todos os países da Europa. Destacamos que, atualmente, nos casos em que este se rege pelo regime concordatário tem natureza confessional mas não tem natureza catequética.

De referir que nos casos em que se considera um ensino neutro não se pode confundir com ensino laico. No primeiro, há separação do Estado – Igreja mas aceitação de crenças e cultos religiosos, no segundo, pretende-se a elevação do papel da Escola e gradual extinção das crenças religiosas.

Não podemos terminar sem afirmar que a Igreja não se deve fechar em si mesma. Com a certeza que não podemos esquecer que a força da Igreja se encontra nas águas profundas de Deus onde ela é chamada a lançar as suas redes.

## BIBLIOGRAFIA

### **Sagrada Escritura**

*Bíblia Sagrada*. Fátima: Difusora Bíblica, 2010.

### **Magistério da Igreja**

*Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

*Directório Geral da Catequese*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998.

Franciscus Pp. «Adhortatio Apostolica “Evangelii Gaudium”», AAS 105 (2013) 1019-1137, consultado [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html), acedido em 27 de abril de 2018.

Franciscus Pp. «Adhortatio Apostolica Post-Synodalis “Amoris Laetitia»», AAS 108 (2016) 311-446, consultado [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html), acedido em 28 de abril de 2018.

Joanes Paulus Pp. II. «Adhortatio Apostolica Post-Synodalis “Christifideles Laici”», AAS 81 (1989)395-521, consultado [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_30121988\\_christifideles-laici.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html), acedido em 27 de abril de 2018.

Joanes Paulus Pp. II. «Adhortatio Apostolica “Catechesi Tradendae»», AAS 71 (1979) 1277-1340, consultado <https://www.bing.com/search?q=catechesi+tradendae&qs=SC&pq=catechesis&sc=3-10&cvid=E04FEFBAC4A04073AE33403B7CFC9E58&FORM=QBRE&sp=1>, acedido em 27 de abril de 2018.

João Paulo II, Papa. “Conhecer o património do cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica. Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública.” *L’Osservatore Romano*, nº16 (21 de abril 1991).

João Paulo II, Papa. “Alocução ao Simpósio sobre a Participação dos fiéis leigos no Ministério.” L’Osservatore Romano, nº4 (23 de abril 1994).

Paulus Pp. VI. «Decretum de Apostolatu Laicorum “Apostolicam Actuositatem”», AAS 58 (1966) 837-864, consultado [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html), acedido em 27 de abril de 2018.

Paulus Pp. VI. «Decretum de Activitate Missionali e Ecclesiae “Ad Gentes”», AAS 58 (1966) 947-990, consultado [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_ad-gentes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html), acedido em 27 de abril de 2018.

Paulus Pp. VI. «Adhortatio Apostolica “Evangelii Nuntiandi”», AAS 68 (1976) 5-76, consultado [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html), acedido em 27 de abril de 2018.

Paulo VI, Discurso na inauguração da 2. sessão, 29. 09. 1963. Concílio Ecuménico Vaticano II, Documentos Conciliares, Apostolado da Oração, 11. ed., Braga 1987, 453-454.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. «Constitutio Dogmatica de Ecclesia “Lumen Gentium”», AAS 57 (1965) 5-71, consultado [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html), acedido em 27 de abril de 2018.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. «Constitutio Pastoralis de Ecclesia in Mundo Huius Temporis “Gaudium et Spes”», AAS 58 (1966) 1025-1120, consultado [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html), acedido em 27 de abril de 2018.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. «Constitutio de Sacra Liturgia “Sacrosanctum Concilium”», AAS 56 (1964) 97-138, consultado [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html), acedido em 27 de abril de 2018.

## **Legislação**

Assembleia da República, “Resolução da Assembleia da República nº70/2004.” In *Diário da República*, 1ªSérie, nº269. 16 de novembro de 2004.

Assembleia da República. “Lei 46/86, Lei de Bases do Sistema Educativo,” in *Diário da República*, 1ªsérie, nº 237. 14 de outubro de 1986.

Constituição da República Portuguesa. *Diário da República*. 10 de abril de 1976.

Ministério d Educação e Ciência. “Despacho 6809/2014.” In *Diário da República*, 2ªsérie, nº99, 23 de maio de 2014.

## **Bibliografia Geral**

Alberich, Emilio. *Catequese Evangelizadora – Manual de Catequética Fundamental*. S. Paulo: Editora Salesiana, 2007.

Almeida, P. José Cardoso de. “Catequese e Inculturação.” In *Forum de EMRC*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 151-161. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005.

Almeida, P. Rui Alberto. “Catequese num mundo em mudança.” In *Forum de Catequese*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 144. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.

Ambrosio, Juan Francisco. “Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Católica.” In *Forum de EMRC*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 151-161. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005.

Ávilla, António. *Para conhecer a Psicologia da Religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Baumgartner, Hans M., Rolf Baumann, Urs Baumann, Peter Eicher, Georges Ignacio Maissiat. “Inculturação”. In *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, traduzido por João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

Biemi, Enzo. *El Segundo Anuncio*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2013.

Borobio, D.. *La iniciación cristiana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1989.

Braga, D. António. “Identidade e diferença na Catequese.” In *Forum de Catequese*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 19. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.

Carvalho, Cristina de Sá e Jorge Augusto Paulo Pereira. “A Formação de Professores Vocacionada para a Educação Moral e Religiosa Católica.” In *Forum de EMRC*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 89-104. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005.

Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja. *Os Bens Culturais da Igreja*. Lisboa: Paulinas, 2000.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo*. Torres Novas: Gráfica Almondina, 2017.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Para que acreditem e tenham vida: Orientações para a catequese actual*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Princípios e Orientações sobre os Bens Culturais da Igreja*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2005.

Costa, P. Manuel Queirós da. “O Grupo de Catequistas como experiência eclesial.” In *Forum de Catequese*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 127. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.

Cruz, Guilherme Bragada. “ ‘Direitos da Família, da Igreja e do Estado’: Problemas de Educação.” Apresentado na Conferência Nacional dos Institutos Religiosos, Lisboa, 1954.

Departamento Arquidiocesano da Educação Cristã. *Catequistas – Século XXI*. Braga: Empresa do Diário do Minho, 2006.

Duarte, Marco Daniel, Sónia Vazão, David Cranmer, e Alexandre Freire Duarte. *A Arte Cristã – Manual do Aluno – Educação Moral e Religiosa Católica – Ensino Secundário*, Editado por Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã. Lisboa: Gráfica Almondina, 2015.

Duquoc, Christian. “Creo en la Iglesia: Precariedad institucional y Reino de Dios. Santander: Editorial Sal Terrae, 2001.

Formosinho, João. *Educação para todos: O Ensino Primário: De ciclo único do ensino básico a ciclo intermédio da educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação, 1998.

Font, Carles Monereo. *Estratégias de Ensino e Aprendizagem*. Porto: Edições Asa, 2007.

Forte, Bruno. *La Iglesia de la Trinidad*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1992.

Fuente, Eloy Bueno de la. *Eclesiologia*. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos, 1998.

Gomes, J.F. *Relatórios do Conselho Superior de Instrução Pública (1844-1859)*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985.

Landeiro, Ana Maria, Dimas Oliveira Pedrinho, Maria do Sameiro de Oliveira Morais da Cruz, e Ricardo Luís Pereira Homem. *O Grão de Trigo – Manual do aluno – 3ºano – Educação Moral e Religiosa Católica*. Editado por Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã. Moscavide: Gráfica Almondina, 2010.

Lopes, A. “Os novos programas de Educação Moral e Religiosa,” *Brotéria* nº97 (1973): 115-402.

Martins, José Manuel Sevivas. “O Ensino da Religião nas Escolas Públicas: A Educação Moral e Religiosa Católica no Ensino Público.” Dissertação de Mestrado Inédita, Universidade Portucalense, 2003.

Martins, José Manuel Sevivas. “Enquadramento Histórico / Legal do Ensino Religioso nas Escolas Públicas.” In *Forum de EMRC*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 61-78. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005.

Martins, José Manuel Sevivas. “Enquadramento Histórico/Legal do Ensino Religioso nas Escolas Públicas.” In *Forum de EMRC*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 61-82. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005.

Miranda, J. *As Constituições Portuguesas 1822-1826-1838-1911-1933-1976*. Lisboa: Livraria Petrony, 1976.

Monteiro, J.A. “A Educação Moral e Religiosa no Sistema Educativo Português.” Dissertação de Mestrado Inédita, Universidade de Aveiro, 1995.

Nunes, D. Tomaz Silva. “O Perfil do Docente de Educação Moral e Religiosa Católica.” In *Forum de EMRC*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 83-88. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005.

Paes, Cónego Carlos. *Repensar a Pastoral*. Águeda: Paulinas, 2011.

Pacheco, José Augusto. *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto: Porto Editora, 2001.

Pajer, Flavio. *Escuela y Religión en Europa: Un camino de cincuenta años [1960-2018]*, traduzido por Emilio Alberich Sotomayor, Antonio Alcedo Ternero, José Maria Pérez Navarro, José Luís Saborido Cursach. Madrid: PPC editorial, 2012.

Pereira, Jorge Augusto Paulo. “Questões Fundamentais – Didáctica de Educação Moral e Religiosa Católica.” In *Forum de EMRC*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 115-125. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005.

Piaget, Jean. *Seis estudos de Psicologia*. Alfragide: Texto Editores, 2010.

Pinho, José Eduardo Borges. *A Comunidade de Crentes em Cristo – Manual do Aluno – Educação Moral e Religiosa Católica – Ensino Secundário*, Editado por Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã. Lisboa: Gráfica Almondina, 2015.

Policarpo, José da Cruz. *Sinais dos Tempos: Génese Histórica e Interpretação Teológica*. Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1971.

Policarpo, D. José. “Catequese num mundo em mudança.” In *Forum de Catequese*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 16. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.

Reis, Rute. *Psicologia da criança e desenvolvimento: Fases do desenvolvimento da criança*. Lisboa: Instituto Monitor, 2000.

Rocha, Maria de Fátima Bastos. “Educação Moral e Religiosa Católica e Ensino Básico.” In *Forum de EMRC*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 83-88. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*. Moscavide: Gráfica Almondina, 2014.

Secretariado Nacional da Liturgia. *Catequese para a Iniciação Cristã dos Adultos*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2016.

Sesboüé, Bernard. *No tengáis miedo!: Los ministerios en la Iglesia hoy*. Santander: Editorial Sal Terrae, 1998.

Silva, P. Querubim José Pereira. “O Saber Religioso, Factor de Cultura e Educação.” In *Forum de EMRC*, Editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 27-37. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2005.

Tavares, José, Anabela Sousa Pereira, Ana Allen Gomes, Sara Marques Monteiro, e Alexandra Gomes. *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora, 2007.

Wostyn, Lode L.. *Iglesia y Misión Hoy: Ensayo de eclesiologia*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1992.

### **Sítiografia**

Agrupamento de Escolas Carlos Amrante, “Projeto Educativo.” Acedido em 3 de janeiro de 2018. [http://www.aeca.edu.pt/images/Conselho\\_geral/PE\\_2015-2018.pdf](http://www.aeca.edu.pt/images/Conselho_geral/PE_2015-2018.pdf).

Comece, “Press Releases.” Acedido em 30 de abril de 2018. <http://www.comece.eu/comece-conference-on-promoting-the-christian-heritage-of-europe-30039>.

Conferência Episcopal “Documentos.” Acedido a 10 de maio de 2018. [www.conferenciaepiscopal.pt/v1/para-que-acreditem-e-tenham-a-vida/?highlight=para%20que%20acreditem%20e%20tenham%20vida](http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/para-que-acreditem-e-tenham-a-vida/?highlight=para%20que%20acreditem%20e%20tenham%20vida).

Educris, “Enquadramento.” Acedido em 16 de maio de 2018. <http://www.educris.com/v3/94-enquadramento>.

Educris, “Programa e materiais de apoio ao Professor.” Acedido em 30 de 2018. <http://www.educris.com/v3/95-programa-e-materiais-de-apoio-ao-professor/861-emrc-e-catequese#destinatarios>.

Educris, “Programa e materiais de apoio ao Professor.” Acedido em 15 de maio de 2018. <http://www.educris.com/v3/95-programa-e-materiais-de-apoio-ao-professor/861-emrc-e-catequese>.

Ecclesia, “Internacional.” Acedido em 30 de abril de 2018. <http://www.agencia.ecclesia.pt/portal/europa-igreja-catolica-destacada-em-bruxelas-enquanto-construtora-de-cultura-e-identidade-no-territorio/>.

Ecclesia, “Nacional.” Acedido em 15 de maio de 2018. [www.agencia.ecclesia.pt/portal/emrc-queremos-jovens-cristaos-entusiasmados-com-a-vida-d-jose-traquina](http://www.agencia.ecclesia.pt/portal/emrc-queremos-jovens-cristaos-entusiasmados-com-a-vida-d-jose-traquina).

Ecclesia, “Nacional.” Acedido em 15 de maio de 2018. [www.agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-novo-perfil-de-catequista-para-responder-a-uma-mudanca-de-paradigma-na-transmissao-da-fe](http://www.agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-novo-perfil-de-catequista-para-responder-a-uma-mudanca-de-paradigma-na-transmissao-da-fe).

Ecclesia, “Página de Arquivo.” Acedido em 13 de maio de 2018. <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/dossier/ii-concilio-do-vaticano-uma-autentica-revolucao-copernicana/>.

Ecclesia, “Página de Arquivo.” Acedido em 15 de maio de 2018. [www.agencia.ecclesia.pt/noticias/entrevistas/emrc-conquista-os-alunos-e-a-escola](http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/entrevistas/emrc-conquista-os-alunos-e-a-escola).

Pontosj, “Quem Somos.” Acedido em 13 de maio de 2018. <https://pontosj.pt/jesuitas/quem-somos>.

Secretariado Nacional de Liturgia “Rituais.” Acedido a 10 de maio de 2018. <http://www.liturgia.pt/rituais/RICA.pdf>.

# Anexos



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
 CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA  
 INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
 Mestrado em Ciências Religiosas  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 Prática de Ensino Supervisionada

**Agrupamento de Escolas Carlos Amarante**  
 Ano letivo 2017/2018

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Igreja  
 Aula n.º 1/6

Ano: 3º | Turma: ESP2  
 Data: 09-01-2018  
 Tempo previsto: 60m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário					5m	
<b>SUMÁRIO:</b> Apresentação Introdução à unidade letiva "A Igreja"						
Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	10. Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Igreja é:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus;</li> <li>- a família de Deus (universal e local)</li> </ul> </li> </ul>	Apresentação dos alunos (cada aluno refere o seu nome).  Ilustração do rolo para identificação dos alunos  Diálogo com os alunos sobre as festividades do Natal  Breve apresentação da unidade letiva  Chuva de ideias sobre "o que nos torna felizes" com o objetivo de descobrir que viver com os outros (em comunhão) é sinónimo de felicidade.	Rolo de papel de cozinha          Marcadores  Quadro	10m  10m  10m  5m  20m	.Atenção  Participação ordenada  Respeito pelos colegas e pelas regras da sala de aula  Empenho e cumprimento das tarefas  Autonomia

Rolo papel cozinha



Rolo papel higiénico





UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
 CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA  
 INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
 Mestrado em Ciências Religiosas  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Carlos Amarante  
 Ano letivo 2017/2018

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Igreja

Aula n.º 2/6

Ano: 3º | Turma: ESP2

Data: 16-01-2018

Tempo previsto: 60m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário					5m	
<b>SUMÁRIO:</b> A Igreja, uma assembleia de crentes.						
H. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	11. Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Igreja é:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus;</li> <li>- a família de Deus (universal e local)</li> </ul> </li> </ul>	Retrospectiva da aula anterior.	Marcadores Quadro	10m	Atenção
			Canção "Fazer comunidade"	Computador e projetor	15m	Participação ordenada
			Diálogo com os alunos sobre as palavras mais importantes da letra da música com o objetivo de perceberem o conceito de comunidade e assembleia de crentes		10m	Respeito pelos colegas e pelas regras da sala de aula
			Realização da ficha de trabalho	Fotocópias da ficha de trabalho	20m	Empenho e cumprimento das tarefas Autonomia Ficha trabalho

Ficha de trabalho

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1. Completa as palavras que faltam e de seguida faz a sopa de letras.

A	A	S	E	D	A	D	I	N	U	M	O	C
S	S	U	N	H	A	O	O	C	A	S	A	C
S	B	S	F	F	A	A	L	I	L	I	A	S
E	N	S	E	A	F	A	M	I	L	I	A	B
M	I	E	R	D	E	C	N	E	T	R	E	P
B	A	T	S	P	A	R	T	I	L	H	A	R
L	A	N	O	O	A	Z	E	T	S	I	R	T
E	W	E	P	I	F	T	S	I	R	T	N	E
I	G	R	E	J	A	M	I	Z	A	D	D	R
A	O	C	A	E	B	O	R	O	M	A	O	A
E	U	A	K	S	B	E	D	E	D	A	P	D
R	Y	E	P	U	L	E	R	E	N	R	U	N
T	U	N	I	A	O	Ç	I	V	M	A	R	O
A	M	O	Ç	P	S	R	Y	A	A	L	E	B
S	P	A	T	L	A	G	K	J	L	O	Z	O
J	O	L	H	D	E	U	S	B	E	H	E	T
Ç	S	U	I	J	O	V	E	M	G	R	E	S
Q	E	L	H	J	E	I	O	P	R	I	R	I
C	O	M	U	N	H	A	O	H	I	U	Y	R
S	A	B	E	R	T	R	I	S	A	N	O	C

- C.....
- A.....
- I.....
- Comunidade
- Partilhar
- Comunhão
- Alegria
- Tristeza
- Deus
- Crentes
- Relação
- Solidariedade
- União
- Amor
- Família

2. Pinta a imagem que corresponde a uma assembleia de crentes.





**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
 CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA  
 INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
 Mestrado em Ciências Religiosas  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 Prática de Ensino Supervisionada

**Agrupamento de Escolas Carlos Amarante**  
 Ano letivo 2017/2018

**Planificação de Aula**

Unidade Letiva: A Igreja

Aula n.º 3/6

Ano: 3º | Turma: ESP2

Data: 23-01-2018

Tempo previsto: 60m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário					5m	
<b>SUMÁRIO:</b> A comunidade dos crentes em Jesus Cristo. O símbolo do cristianismo.						
<b>I. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b>	12. Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Igreja é:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus;</li> <li>- a família de Deus (universal e local)</li> </ul> </li> </ul>	Retrospetiva da aula anterior.  Canção "Fazer comunidade"  Dinâmica de construção do símbolo do Cristianismo – a construção avança à medida que se dialoga sobre os conceitos de comum, comunidade, assembleia, crente.	Marcadores Quadro  Computador e projetor  Folhas de papel A4 de cores diferentes.	10m  15m  30m	Atenção  Participação ordenada  Respeito pelos colegas e pelas regras da sala de aula  Empenho e cumprimento das tarefas  Autonomia



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
 CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA  
 INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
 Mestrado em Ciências Religiosas  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 Prática de Ensino Supervisionada

**Agrupamento de Escolas Carlos Amarante**  
 Ano letivo 2017/2018

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Igreja

Aula n.º 4/6

Ano: 3º | Turma: ESP2

Data: 30-01-2018

Tempo previsto: 60m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário					5m	
<b>SUMÁRIO:</b> A vida do dia a dia dos cristãos.						
<b>J. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b>	13. Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Igreja é:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus;</li> <li>- a família de Deus (universal e local)</li> </ul> </li> </ul>	Jogo de descontração "Eu vi um leão"  Retrospectiva da aula anterior.  Leitura da história "Aos domingos" de Alice Vieira.  Diálogo sobre a história	Marcadores Quadro	5m	Atenção
	14. Descobrir a fé das comunidades cristãs.	<ul style="list-style-type: none"> <li>As comunidades dos cristãos vivem a fé através de:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- celebrações comunitárias</li> <li>- testemunho e anúncio</li> <li>- prática da caridade</li> <li>- comunhão entre os seus membros.</li> </ul> </li> </ul>	Desenho livre sobre a mensagem da história apreendida por cada um.  Vídeo resumo da aula		Folhas de papel  Computador e projetor	10m  5m  5m  28m  2m



## Ficha de trabalho

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1. Desenha e pinta, o que achaste mais importante na história “Aos domingos”.



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
 CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA  
 INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
 Mestrado em Ciências Religiosas  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 Prática de Ensino Supervisionada

**Agrupamento de Escolas Carlos Amarante**  
 Ano letivo 2017/2018

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Igreja

Aula n.º 5/6

Ano: 3º | Turma: ESP2

Data: 06-02-2018

Tempo previsto: 60m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
<b>SUMÁRIO:</b> Dons e tarefas dos cristãos.					5m	
<b>K. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b>  <b>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo</b>	15. Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Igreja é:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus;</li> <li>- a família de Deus (universal e local)</li> </ul> </li> <li>As comunidades dos cristãos vivem a fé através de:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- celebrações comunitárias</li> <li>- testemunho e anúncio</li> <li>- prática da caridade</li> <li>- comunhão entre os seus membros.</li> </ul> </li> <li>Cada um dos seus membros tem um lugar e um serviço na Igreja.</li> </ul>	“Vídeo resumo da aula” visualizado na aula anterior.  Retrospectiva da aula anterior.  Dinâmica “Jogo dos talentos”	Computador e projetor  Caixa de presentes “Talentos” Pequenas folhas de papel com números para o sorteio jogo.	2m	Atenção
	16. Descobrir a fé das comunidades cristãs.		Descoberta da frase resumo “Na Igreja todos têm um lugar e uma tarefa”	Folhas de papel	25m	Participação ordenada  Respeito pelos colegas e pelas regras da sala de aula
			Jogo do dom da alegria “Eu tinha um tique”		10m	Empenho e cumprimento das tarefas
					13m	Autonomia  Ficha de trabalho





**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
 CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
 FACULDADE DE TEOLOGIA  
 INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
 Mestrado em Ciências Religiosas  
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
 Prática de Ensino Supervisionada

**Agrupamento de Escolas Carlos Amarante**  
 Ano letivo 2017/2018

## Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Igreja

Aula n.º 6/6

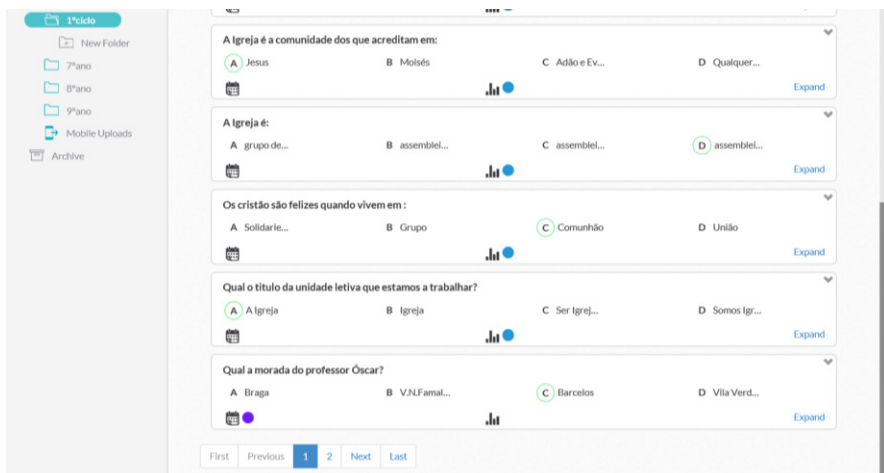
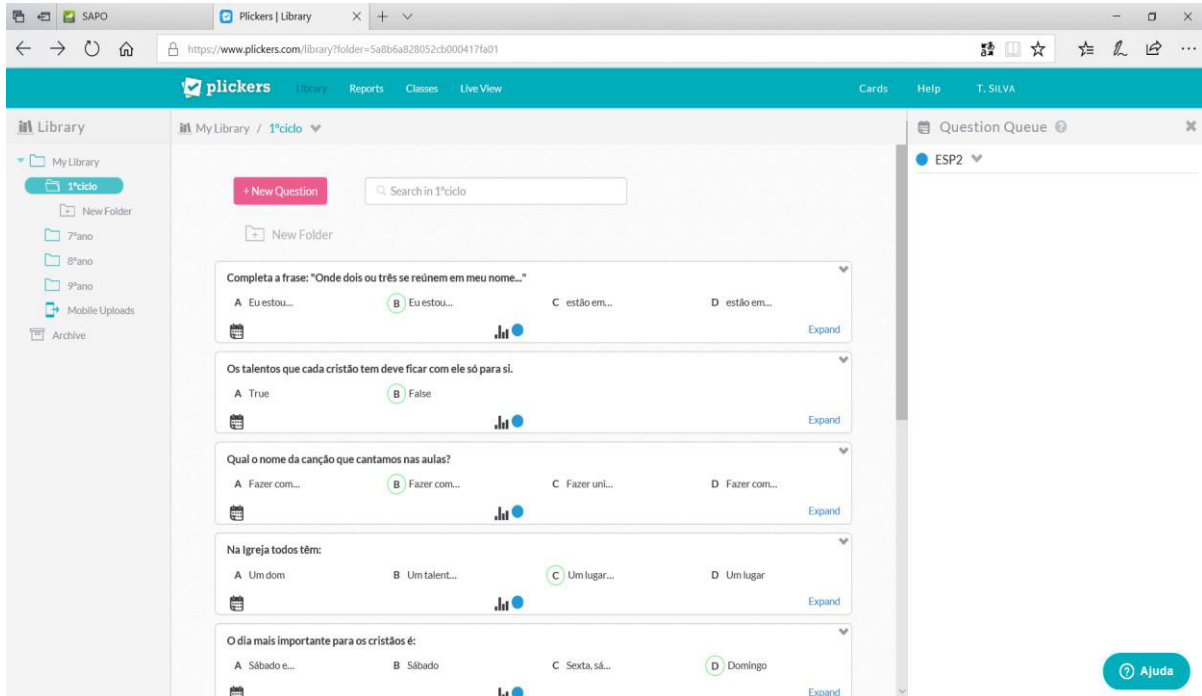
Ano: 3º | Turma: ESP2

Data: 20-02-2018

Tempo previsto: 60m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário					5m	
<b>SUMÁRIO:</b> Construção de um edifício Igreja. Jogo avaliação sobre a Unidade Letiva.						
<b>L. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b>  <b>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo</b>	17. Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Igreja é:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus;</li> <li>- a família de Deus (universal e local)</li> </ul> </li> <li>As comunidades dos cristãos vivem a fé através de:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- celebrações comunitárias</li> <li>- testemunho e anúncio</li> <li>- prática da caridade</li> <li>- comunhão entre os seus membros.</li> </ul> </li> <li>Cada um dos seus membros tem um lugar e um serviço na Igreja.</li> </ul>	Retrospetiva da aula anterior.  Construção do edifício Igreja com os rolos utilizados para identificar os alunos.	Rolos papel cozinha, fita cola, tesoura, base em cartão	2m  30m	Atenção  Participação ordenada  Respeito pelos colegas e pelas regras da sala de aula  Empenho e cumprimento das tarefas
	18. Descobrir a fé das comunidades cristãs.		Jogo avaliação sobre a Unidade Letiva utilizando o software Plickers	Computador, projetor e telemóvel do professor.	23m	Autonomia  Ficha de trabalho

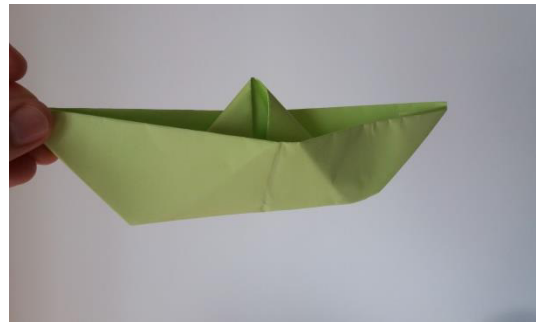
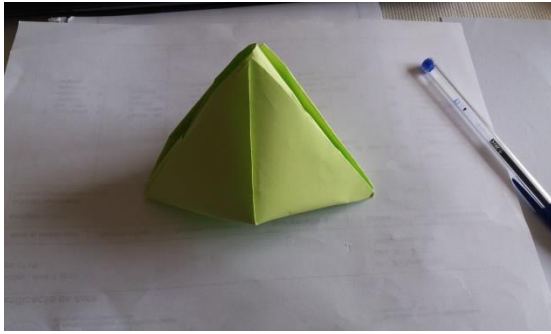
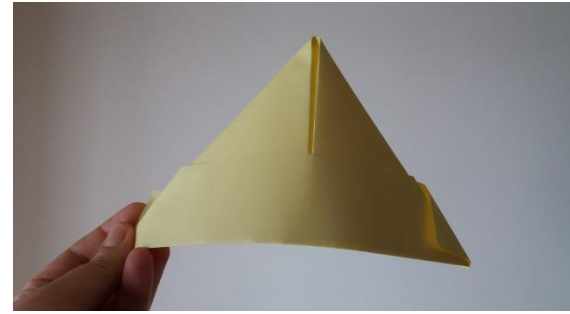
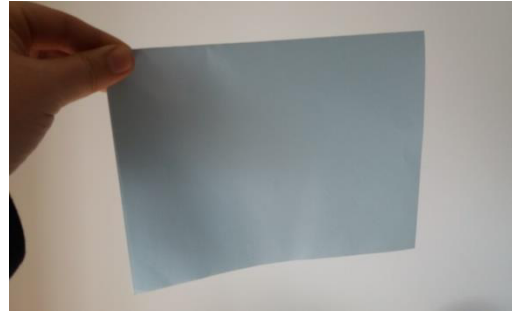
Questões Jogo – Software *Plickers*



Rolo identificativo e suporte







REPÚBLICA PORTUGUESA EDUCAÇÃO

Agrupamento de Escolas CARLOS AMARANTE 150143


EMRC 2017 | 18  
EB1 Espinho – Turma ESP2

Ficha de trabalho

Nome: \_\_\_\_\_

Data: 30/01/2018

1. Desenha e pinta, o que achaste mais importante na história "Aos domingos".



Rua da Restauração. 4710-428 Braça

REPÚBLICA PORTUGUESA EDUCAÇÃO

Agrupamento de Escolas CARLOS AMARANTE 150143


EMRC 2017 | 18  
EB1 Espinho – Turma ESP2

Ficha de trabalho

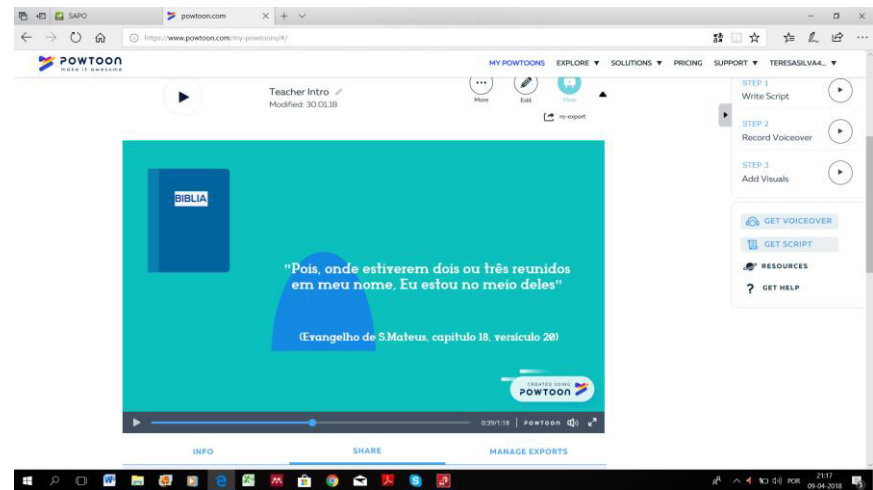
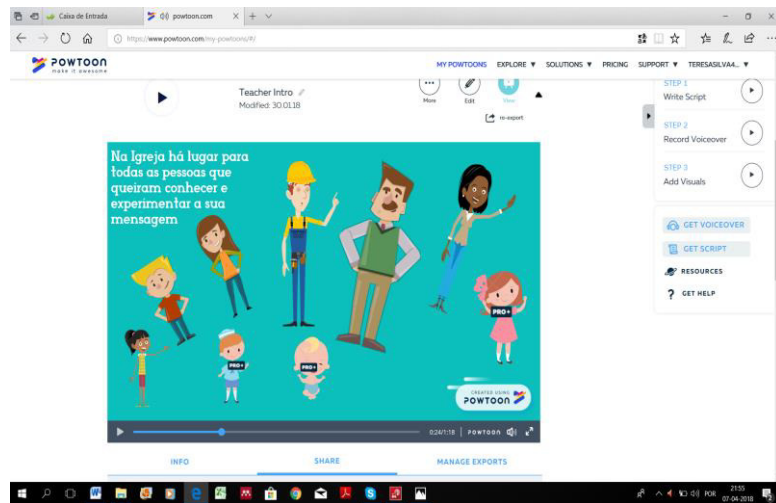
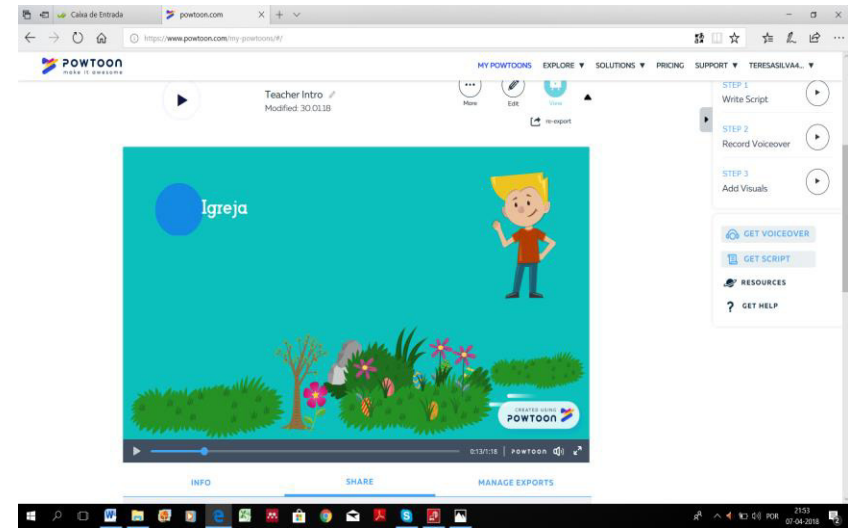
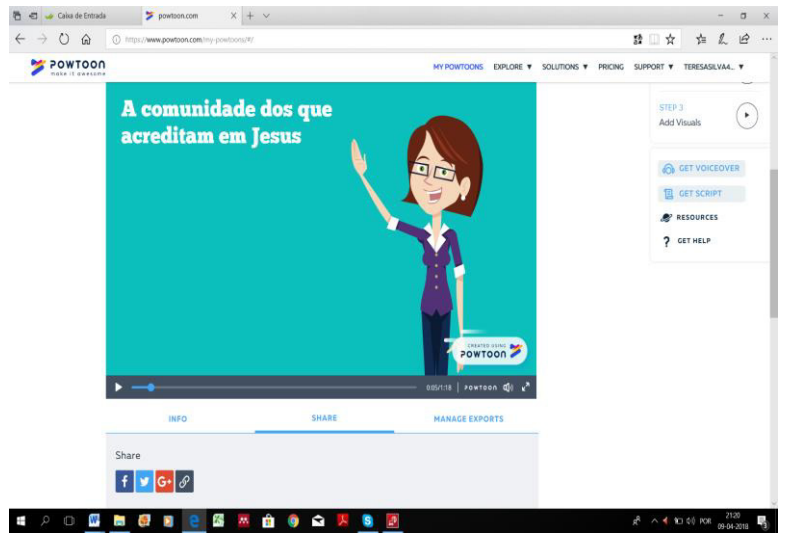
Nome: \_\_\_\_\_

Data: 30/01/2018

1. Desenha e pinta, o que achaste mais importante na história "Aos domingos".



Rua da Restauração. 4710-428 Braça





Ficha de Trabalho

1. Pinta os quadrados em branco, descobre e escreve a frase.

*A igreja dos Santos João e Gregório e Nossa Senhora*

